

Security and Geopolitics in East Asia today: one region, two faces

Luis Tomé

A estrutura de poder e os parâmetros de segurança da Ásia Oriental estão em acelerada mutação. Apesar da sua relativa estabilidade e evidente emergência na arena internacional, a “ordem” na East Asia é volátil e imprevisível por estar sob a pressão de uma série de dinâmicas complexas e, por vezes, concorrentes, pelo que a segurança continua a ser uma preocupação central dos povos da região.

The problems and prospects of the East Asian security and geopolitics have been addressed em torno de quatro debates principais. Primeiro, a região é amplamente estudada e citada no âmbito da mais ampla discussão em curso sobre a agenda, as preocupações, os instrumentos e o próprio conceito de segurança (Alagappa, 1998: 27-64; see also Dannreuther, 2007; and Baylis *et al.*, 2007). Um segundo debate respeita à evolução e futuro da East Asia, com visões que variam entre os mais pessimistas que vêm antecipando that region will be “*Ripe for Rivalry*” or “*Europe’s Past Will Be Asia’s Future*” (Friedberg, 2000 and 1993-94) e os mais optimistas que foresse the 21st Century as the “East Asian Century”, suggesting that the security problems and dilemmas in the region are less serious than conventionally described (Acharya, 2003-04 and 2001). O terceiro debate incide sobre as explicações para a relativa e excepcional estabilidade da Ásia Oriental, sendo os argumentos invocados os reequilíbrios da balança de poder, the role of US supremacy, o peso da história e das culturas estratégicas das nações da região, os progressos democráticos, a prioridade dada pelos países da região ao seu desenvolvimento económico ou o incremento do multilateralismo e da cooperação regional, embora alguns suspeitem que a “tranquilidade” asiática oriental seja apenas virtual ou transitória (about this discussion see, for example, Ikenberry and Mastanduno, 2003; and the “*Strategic Asia*” series from the NBR). Um quarto debate refere-se à caracterização e conceptualização do sistema de segurança regional: qual o mais apropriado conceito para descrever a segurança na Ásia Oriental - *competitive security*, *cooperative security*, *collective security*, *common security*, *comprehensive security* or *community security*?

There are, of course, the varied lenses through which scholars and experts analyze international relations, security and regional occurrences, and doing so, in many occasions, those debates reveals uma forte componente competitiva entre as principais teorias/paradigms opondo, nomeadamente, os proponentes of the most familiar triad of realism, liberalism, and constructivism (Katzenstein and Sil, 2004: 3-4).

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

Entretanto, nos últimos anos, um crescente número de autores e de trabalhos vem abraçando um espírito de pluralismo intelectual e perspectivas mais ecléticas, reconhecendo que o estudo e a análise of East Asian security and geopolitics exige integrar e conjugar poder, interesses, capacidades materiais, economia e interdependência, estrutura internacional, instituições, história, cultura, ideias, factores sociais e identidade¹.

The purpose of this essay não é tomar partido naqueles debates mas, antes, o de characterize the contemporary East Asian security and geopolitical order by: a) distinguishing some main features of the regional security system; and b) explaining the regional structure of power and security complex. It shows that the emerging order in the region is a very complex and hybrid system that shares elements of balance of power and complex interdependence, competitive security and cooperative security, and multilateralism with bilateralism. It also shows that are “traditional” concerns about security that convays with the “new” ones, and that the elements of anarchy and competition convays with the elements of order and engagement in the region.

I. The broadening concept of regional security and the emergence of “new” security issues

Um dos desenvolvimentos mais impressionantes na East Asia é que o risco de conflitos entre Estados decaiu significativamente nas últimas duas décadas. Esta é uma evolução e uma conquista extraordinária para a região. However, a lot of “traditional” security dangers still persist in the region: os receios relacionados com a emergência da China, as renovadas ambições geoestratégicas do Japan ou o papel/estatuto regional dos EUA; riscos de fragmentação regional em torno de eixos estratégicos competitivos entre as principais potências; animosidades e hostilidades históricas; grande heterogeneidade cultural e enormes disparidades económico-

¹ As, for example, Muthiah Alagappa (ed) (2003, 2001 and 1998), respectively, “*Asian Security Order: Instrumental and Normative Contractual Features*”, “*Coercion and Governance: the Declining Political Role of the Military in Asia*” and “*Asian Security Practice. Material and Ideational Influences*”; Sheldon Simon (ed) (2001) “*The many faces of Asian Security*”; Ikenberry e Mastanduno (eds) (2003), “*International Relations Theory and the Asia-Pacific*”; Suh, Katzenstein e Carlson (eds) (2004) “*Rethinking Security in East Asia. Identity, Power and Efficiency*”; David Shambaugh (ed) (2005) “*Power Shift. China and Asia’s New Dynamics*”; Ryosei and Jisi (eds) (2004) “*The Rise of China and a Changing East Asian Order*”; Robert Sutter (2005 and 2003), respectively “*China’s Rise in Asia. Promises and Perils*” and “*The United States and East Asia. Dynamics and Implications*”; Abramowitz and Bosworth (eds) (2006) “*Chasing the Sun. Rethinking East Asian Policy*”; Rocher and Godement (Dir.) (2006), « *Asie Entre Pragmatisme et Attentisme* »; Mark Beeson (2007), “*Regionalism and Globalization in East Asia*”; Michael Yahuda (2004) “*International Politics of Asia-Pacific*”; or the so-far seven “*Strategic Asia*” volumes (from 2001-02 to 2007-08) in The National Bureau of Asian Research (NBR)’s Strategic Asia series.

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

sociais; diversidade de regimes políticos, incluindo vários regimes autocráticos que subsistem na região, todos marcados ideologicamente por um crescente nacionalismo (see Heitor Romana's essay in this book about Chinese and Russian techno-nationalism); a questão de Taiwan; o programa de armamento nuclear da Coreia do Norte e os subsequentes riscos of WMD proliferation; o aumento significativo e generalizado dos orçamentos de defesa e das capacidades militares na região, além da falta de transparência nos efectivos gastos militares, nomeadamente, por parte da emergente China; a divisão da Península Coreana; rivalries over diminishing energy resources (desde as fontes ricas de hidrocarbonetos às respectivas rotas de exploração e chokepoints), including the disputes over the potentially resources-rich South China Sea, área também crucial para as rotas marítimas de actores como o grupo ASEAN, a China e o Japão (see on this Admiral Sacchetti's essay in this book); os vários movimentos e tendências separatistas (namely, Tibet and Xinjiang in China, Mindanao at the Philippines, and Aceh and Irian Jaya in Indonesia); or even the several border or territorial disputes – the South Kurilles/Northern Territories (Russia vs Japan), the Takeshima/Tokdo islands (Korea Vs Japan), the Senkaku/Diaoyutai islands (Japan vs China/Taiwan), the Paracel Islands (China vs Vietnam) and the Spratley Islands (concerning China, Taiwan, Vietnam, Philippines, Brunei, Malaysia and Indonesia) in the South China Sea -, as well the disputed sovereignty areas at the Yellow Sea, the Sea of Japan, the Gulf of Tonkin, and the South China Sea.

At the same time, another noteworthy aspect is the notion of regional security has broadened beyond those “traditional” issues and concerns to include a wide variety of “non-traditional” security problems wich «are *primarily non military in nature and constitute a broader set of security considerations relating to survival, resource allocation and the health of the planet. They are therefore unlikely to be resolved by military force or ameliorated by traditional security appraches*» (Dupont, 2001: 32). These new security issues includes terrorism, transnational organised crime, drug trafficking, sea piracy, cyber crime, trafficking in persons, arms smuggling, money laundering, international economic crime, energetic dependence and access to energy resources and markets, unregulated population movements, infection diseases, weakened/failed States, environment degradation, and economic-financial crisis. Some aspects of these new dimensions are not really new: nomeadamente desde cerca de meados dos anos 1970, têm-se multiplicado os apelos para redefinir a segurança a fim de contemplar aspectos económicos, ambientais e outros “não-militares”, além de que uma concepção mais vasta de segurança era já comum entre certos East Asian countries mesmo durante a Cold War era, como nos casos do Japão ou dos ASEAN

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

countries. True, the broadening security agenda to include concerns that do not involve potential violence is controversial. True, as ever, in different parts of East Asia we find actors embracing quite different definitions and priority concerns of security. But is also true in the last years new security issues have gain much more relevance at regional and national security agendas, by three fundamental reasons:

- First, the greater receptiveness of a comprehensive view of security can be traced to a number of *developments at the global level*, including the complexity of post-Cold War international politics and the attempt to gain a handle on it; globalization and its perceived negative effects in some countries on state autonomy and national values; crescente diluição das fronteiras entre os convencionais níveis “interno” e “externo” da segurança; a muito maior consciencialização internacional das conexões entre segurança e desenvolvimento económico, bem como dos riscos associados aos desequilíbrios ambientais e demográficos; maior acolhimento de concepções mais abrangentes de segurança, como a “human security” (see on this Diana Magalhães’ essay in this book), privilegiando a segurança dos indivíduos, populações ou Humanidade, não a dos Estados, bem como a consagração internacional do princípio “*Responsability to Protect*”; o 11 de Setembro e o desencadeamento da “War on Terror” pelos EUA; a maior ênfase internacional na gestão de crises e conflitos e reconstrução de Estados; ou o papel mais relevante que outros non-state actors vêm tendo no domínio da segurança (International Organizations, NonGovernmental Organizations, transnational terrorist networks, “lords of war”, transnational mafias, humanitarian and “green” international groups/agencies, empresas multinacionais, incluindo as indústrias de armamento e as empresas privadas de segurança, etc.). Além disso, as “novas” preocupações de segurança ultrapassam largamente não só as esferas locais e nacionais como também a regional, pelo que os países da Ásia Oriental e a região no seu conjunto participam e são envolvidos nos esforços mundiais para procurar atenuar ou resolver estes problemas.
- Second, certos *desenvolvimentos e ocorrências na região da Ásia Oriental* vêm tendo um grande impacto na expansão da agenda de segurança regional como, por exemplo, a crise financeira de 1997-98; os ataques from the “new type of terrorism”², em particular, provenientes de grupos como a Jemaah Islamiyah ou o

² For an extensive explanation of my concept of “New Type of Terrorism” and its differences with the “traditional terrorism”, as well its international security and geopolitical implications, see Luis Tomé (2004), *The New World Geopolitical Outline*. EdiUAL and Quid Juris: 155-224.

Abu Sayyaf simpatizantes da Al Qaeda no Sudeste Asiático³; o grande tsunami de Dezembro de 2004 no Índico, vitimando cerca de 280.000 pessoas, a maioria das quais na Indonésia (Sumatra Island); a expansão de pandemias como o HIV/AIDS, o SARS or the bird flu; a ressurgência de conflitos étnico-religiosos in Indonesia and the Philippines nos anos 1990s e no início deste Século; o aumento da procura e a crescente dependência dos países da East Asia de recursos energéticos, associado ao aumento global dos preços do petróleo; o pré-colapso da Coreia do Norte e a instrumentalização da chantagem nuclear; ou ainda o conturbado acesso à independência of East Timor (1999-2002) (see on this Pureza, 2003) e a difícil manutenção da estabilidade of this weakened state. Paralelamente, em virtude das interdependências mútuas, é hoje mais óbvio que internal conflicts or socio-economic crisis podem facilmente afectar a estabilidade de países e regiões vizinhas. Tal como é evidente que the region’s relentless population expansion and urbanization, the associated population movements and social tensions, the inter-connected environmental problems (soil erosion, deforestation, declining air quality and increasing water scarcity) ou a crescente dependência dos recursos energéticos have the capacity to derail the entire development-oriented East Asian project and to affect the regional stability. Alan Dupont (2001) has provided one of the most extensive survey of the new security challenges and their possible impact on East Asia, but there are many others who are considering that *«the most likely long-term threats to East Asian Security come not from the threat of traditional inter-state conflict, but from a new array of transnational issues»* (Beeson, 2007: 92).

- The third reason for the regional security agenda’s expansion é, igualmente, uma sua consequência: *estes “novos” problemas e ameaças são mais facilmente percebidos como “comuns” e também são mais facilmente objecto da cooperação regional*. Como todas estas “novas” preocupações transcend national borders and which may be beyond the control of individual states, the countries of

³ Há muito tempo que os governos of Southeast Asia se confrontam com variadas formas e manifestações de terrorismo, incluindo as relacionadas com rebeliões e movimentos separatistas e de independência, nomeadamente, nas Philippines, Thailand, Malaysia or Indonesia. Mas a necessidade percebida de combater o fenómeno terrorista ganhou proeminência particular nos últimos anos em consequência de dois factores: por um lado, the American-led “war on terror” that began since of the 9/11 attacks e a sua pressão sobre os países do Sudeste Asiático onde residem vastas populações islâmicas e grupos terroristas associados à Al Qaeda; por outro, a assumpção de que a região é não só uma base como um alvo para o terrorismo jihadista islâmico transnacional que procura estabelecer a Muslim Caliphate across Southeast Asia e desestabilizar as sociedades da região. A principal novidade dos últimos anos é a muito maior cooperação entre os países ASEAN e entre o grupo ASEAN e os seus parceiros externos no combate ao terrorismo, tal como a inserção da luta anti-terrorista regional nos global counter-terrorism efforts.

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

East Asia and their external partners such as the US, India, Australia or the EU not only need to work together to try to solve these “common problems” como também estão mais disponíveis para o fazer conjunta e concertadamente, quer em virtude dos interesses e ganhos mútuos quer porque é mais fácil cooperar nestes domínios do que resolver certos problemas “tradicionais” de segurança. Assim, ainda que não seja possível, por exemplo, resolver definitivamente as disputas territoriais e fronteiriças ou ultrapassar todas as divergências e interesses nacionais conflituais, os actores regionais não deixam de cooperar noutros domínios de uma agenda de segurança alargada.

Naturalmente associada à expansão da agenda de segurança regional surge a *problemática potencial of militarize non-conventional security dimensions* o que, em vez de resolver e melhorar a situação pode até agravar e/ou expandir o problema de segurança (Wirtz, 2007: 340-341). Efectivamente, “securitizing” certain social, economic and environmental problems (see on this Danreuther, 2007; and Baylis et al., 2007), isto é, a assumpção discursiva de que certos problemas põem em causa a “segurança nacional” e/ou a segurança regional/internacional, dando-lhes uma prioridade nos assuntos de segurança que nunca antes gozaram, pode originar o empolamento de certas situações e relações, o que envenenaria o ambiente regional. Of course, priority concerns about security depend of each country/community own perceptions and each sub-region specific conditions: the sense of security/insecurity and security concerns are different, for example, in Taiwan (muito preocupado com uma potencial agressão militar e invasão da China), in Indonesia (where the key security threat is not invasion by a foreign power but the desintegration and collapse in Jacarta’s authority) or in Tibet (trying to preserve national identity and to accede to independence from China), as well security in Northeast Asia differs in several ways from Southeast Asia. At one level, *the broadening concept of regional security permits to accomodate many different security concerns* from regime survival (as the cases of Chinese, North-Korean or Burmese political regimes) to WMD proliferation, creating a very complex regional security network linking a wide variety of security problems. Consequently, Asian countries, the US, and regional institutions are having now a more multidimensional and cooperative approach to deal with security. At another level, *agenda de segurança alargada demonstra quão multifacetada é a segurança in East Asia*, o que pode complicar a resolução nacional e regional de tantos e tão variados problemas as, for example, recognizes *China’s National Defense 2006* (Chap. 1): «*The growing interconnections between domestic and inter-national factors and*

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

interconnected traditional and non-traditional factors have made maintaining national security a more challenging task».

On the other hand, *the broadening concept of regional security also means security boundaries of the region have expanded and become less precise* as developments em regiões vizinhas como as Central and South Asia have increasingly begun to have an impact on Southeast and Northeast Asia, and vice-versa. Consequently, traditional geographic subcomponents of Asia are more interconnected and interdependent; much more account must be taken of other regions' developments and occurrences over East Asia international politics; and the regional security is itself more connected with the world as a whole (Yahuda, 2004: 338-341).

II. Economic Growth and Interdependence and Security in East Asia

É um dado inquestionável que as interdependências económicas na Ásia Oriental são hoje muito maiores e mais profundas do que no passado e que os países da região registam, de uma maneira geral, elevadas taxas de crescimento económico (see on this next essay this book, from Henrique Morais).

Na típica visão liberal, economic growth and interdependence mitigates rivalries and security competition, reduces the probability that states will seek to resolve conflicts by force, and provides incentives for cooperation, in what Kent E. Calder (2004) described as «*Securing Security through Prosperity*». Exemplos dos benefícios da economic interdependence sobre a regional security poderão ser the unprecedent East Asian stability e os progressos na cooperação regional; a melhoria genérica das relações bilaterais entre rivais regionais (US-China, Japan-China, Russia-Japan, China-Mongolia, China-India, China-ASEAN, Russia-China, ASEAN-India, China-Indonesia, South Korea-Russia, US-Mongolia, China-South Korea, US-India, China-Vietnam, North-South Korea, Japan-India, Taiwan-China), incluindo mesmo algumas novas parcerias e cooperações “estratégicas”; as políticas prosseguidas pelos East Asian countries no sentido de reforçar o diálogo e as interações mútuas em todos os domínios; ou o crescente apoio regional às instituições e processos multilaterais.

It could be argued that priorities for most of East Asian countries are stability and economic development which, of course, depends of a secure environment. Similarly, economic growth has become the legitimising basis of many regional governments and regimes, including both authoritarian, democratic or in democratization processes. On the other hand, globalisation and economic interdependence means that domestic evolutions have more and more importance to the regional security and stability -

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

consequently, to keep domestic stability and to avoid economic crisis is becoming an important vector for regional security, and not only in cases like China or Indonesia but also, for example, the isolated North Korea as well. If all that is true, então há motivos adicionais para a moderação, a cooperação e a articulação of East Asian countries. Contudo, se a tradição realista estiver correcta, «*since economic interdependence also brings strategic vulnerability – in that states become dependent on others for vital goods or markets for their survival or prosperity – states become compelled “to control what they depend on or to lessen the extent of their dependency”, thereby creating a situation where interdependence leads “probably... to greater security competition”*» (Tellis, 2006: 5).

Mas independentemente do seu maior ou menor impacto na regional security and geopolitics, temos de reconhecer que *regional growing economic interdependence raises a new set of problems*. First, o conflito entre o Estado e o mercado é especialmente intenso na East Asia, onde os países abraçaram, genericamente, um modelo de desenvolvimento que situa o Estado entre a economia internacional e as respectivas sociedades – the so called “*developmental states*” (Beeson, 2007: 141-183) - sendo que as forças do mercado contemporâneas ameaçam a autonomia dos Estados/regimes políticos e expõem fragilidades e desigualdades obrigando, por isso, os governos a implementar reformas que ou subvertem a sua própria capacidade de controlo ou contrariam as expectativas das populações. Por conseguinte, os países/regimes podem ser tentados a reforçar os seus mecanismos de controlo, enveredar por políticas proteccionistas ou promover modelos de concorrência “selvagens” na economia internacional, em qualquer dos casos, acentuando a competição com os outros Estados.

Second, como o próprio neoliberal Joseph S. Nye, Jr. (2007: 212) reconhece «*Even if interdependent countries enjoy a joint gain, there may be conflict over who gets more or less of the joint gain (...) economic interdependence can also be used as a weapon – witness the use of trade sanctions ... economic interdependence can be more usable than force in some cases because it may have more subtle gradations. And in some circumstances, states are less interested in their absolute gain from interdependence than in how the relatively greater gains of their rivals might be used to hurt them*».

Third, some experts are arguing que as políticas monetárias e comerciais serão cada vez mais fonte de competição, especially between China, Japan, the ASEAN group, and the US, seja porque essas políticas são decisivas para o que cada um pode ganhar e acumular numa economia globalizada, podendo ser instrumentalizadas e dirigidas na competição económica de uns contra os outros (Kirshner, 2003), seja por

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

via de uma incompatibilidade estrutural dos respectivos “estilos nacionais de capitalismo” (Gilpin, 2003).

Fourth, as exigências associadas à modernização e desenvolvimento económico está a tornar a generalidade dos países da região cada vez mais dependentes de recursos energéticos que escasseiam e se tornam mais caros o que, além de poder prejudicar a manutenção do crescimento económico a prazo, está também a envolver os principais actores regionais numa nova competição pelo controlo e acesso a esses recursos. As consequências imediatas são, por um lado, o aumento dos preços do petróleo e do gás natural, fortemente motivado pelo aumento da procura dos países asiáticos em desenvolvimento (em particular, China⁴ e Índia) e, por outro, a geração de novas interligações da Ásia Oriental com outras áreas do globo como a Central Asia, Midle East, Latin America, and Africa. Mas alguns argumentam que essa competição pode mesmo provocar guerras futuras (Klare, 2001).

At another level, o crescimento económico na Ásia Oriental generates an “*economic security dilemma*” na medida em que proporciona mais recursos aos actores para aumentarem as suas capacidades militares, o que pode destabilizar a região: «*continued growth in regional economic-military capabilities will have major long-term implications for the global, as well as the regional, military balance... Military capabilities in the region are changing as a result of increased economic growth, but since that growth is uneven between regional states, the result is that intra-regional power balances are changing*» (Harris and Mack, 1997: 17). Economic strenght has always been considered an important component of national power and security: the development and sustainance of military power and the relative positions of States in the international system have depended on their economic health and ranking; and economic power has also been deployed in the form of inducements or sanctions – access to or denial of aid, arms, resources, or markets – in the service of foreign and security policy (Alagappa, 1998: 45). Nessa medida, o crescimento económico dos países da Ásia Oriental pode afectar a balança de poder e os equilíbrios geopolíticos regionais (e até globais), eventualmente, com consequências negativas.

O impacto geopolítico e geoestratégico da emergência económica da China é, obviamente, a maior fonte de apreensões (see, for example, Shambaugh *et al.*, 2005; Sutter, 2005a; Ryosei and Jisi, 2004; and Tomé, 2006 and 2001). Os dirigentes chineses sabem-no bem e têm-se esforçado por passar internacionalmente a ideia de “peaceful rise”, mas também não escondem que o crescimento económico da China é

⁴ Sobre os dilemas da China em torno da energia see Félix Ribeiro, Fátima Azevedo and Rui Trindade’s essay in this book.

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

encarado como alavanca para o aumento do potencial estratégico e da influência política da China: «*China pursues a policy of coordinated development of national defense and economy. It keeps the modernization of China's national defense and armed forces as an integral part of its social and economic development, so as to ensure that the modernization of its national defense and armed forces advance in step with the national modernization drive*» (China's National Defense 2006, Chap. 1).

A realidade é que muitos analistas desconfiam das motivações dos países asiáticos relacionadas com a interdependência e o crescimento económicos. Ashley J. Tellis (2006: 9-10), por exemplo, considera que «*most of the key Asian nations seem to focus on trade principally as a device for maximizing “power and plenty”, that is, as an instrumental mechanism for assuring the fastest increases in GDP, which can then be used by the governing regime to secure whatever goals – domestic or external – that may be of interest to the state... Even in those cases where trade is specifically directed toward mitigating conflicts – as for example in Chinese efforts at attracting Taiwanese and Japanese business investments to the mainland, Southeast Asian efforts at developing tight economic relations with China or Sino-Indian efforts at deepening bilateral trade relations – the calculus in each instance appears to center on how trade and interdependence might be used “strategically” to advance certain geopolitical and geo-economic goals, either domestic or external*».

III. Multilateralism and regional security

De uma forma provocadora, reflectindo sobre o impacto do multilateralismo na East Asia, Ikenberry e Mastanduno (2003: 13) afirmam que «*It is not that regional institutions don't promote stability, but that the region doesn't seem to promote international institutions*». A realidade, porém, é que multilateralism, regionalism and cooperação institucionalizada are, indeed, improving in the region. É certo que, comparativamente a outras áreas, como a Europa, o multilateralismo na East Asia está relativamente atrasado. Contudo, comparativamente a outros períodos históricos, a evidência é que em nenhum outro momento a cooperação multilateral, em diferentes domínios, foi tão expressiva e proliferante como actualmente na região.

The most notorious example is the *Association of Southeast Asian Nations or ASEAN*. Established in 1967 by five countries (Indonesia, the Philippines, Malaysia, Singapore and Thailand) ASEAN tem actualmente ten member nations, integrando quase todos os outros países do Sudeste Asiático (original 5 plus Brunei, Vietnam, Laos, Myanmar

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

and Cambodia) – the lonely exception is the new state of Timor Leste, but also seeking ASEAN membership (within five years from 2006). Alongside with its enlargement, the ASEAN has also been in a deepening process, institutionalizing new mechanisms and measures to strengthen regional integration and community building, including the ASEAN Free Trade Area (AFTA) and, namely, the “ASEAN Community” established in 2003 comprising three pillars, namely, Security, Economic and Socio-Cultural. At the same time, the ASEAN group continues to develop cooperative relations with its “Dialogue Partners” - Australia, Canada, China, the EU, India, Japan, South Korea, New Zealand, Russia, the US, and the United Nations -, and also promotes a specific cooperation with Pakistan. In addition, ASEAN is at the core of the ASEAN Regional Forum (ARF), the ASEAN+1 (China), the ASEAN + 3 (China, Japan, and ROK), and the East Asia Summit (EAS) processes; e todos ou a maior parte dos seus países membros são participantes activos nos outros mechanisms multilaterais pan-regionais e inter-regionais.

Meanwhile, cooperation between the Southeast and Northeast Asian countries has accelerated with the institutionalization of the *ASEAN Plus Three* (China, Japan, and the South Korea) process in 1999, when the Leaders issued a Joint Statement on East Asia Cooperation at their 3rd ASEAN + 3 Summit in Manila. Since then, a number of key documents have been adopted to set the direction for ASEAN + 3 cooperation, while their relations continue to expand and deepen: there are now 13 ministerial-level meetings and 48 mechanisms under the ASEAN + 3 process, coordinating 16 areas of cooperation such as security dialogue and cooperation, trade and investment, energy, environment, disaster management, finance and monetary, rural development and poverty eradication, culture and education, and social welfare and development. Paralelamente, bilateral and multilateral trading arrangements have been or are being forged between ASEAN + 3 participants that will serve as the building blocks of an East Asian Free Trade Area (EAFTA) as a long term goal.

Another recent multilateral cooperative mechanism is the *East Asia Summit (EAS)*, a pan-regional forum held annually since the end of 2005⁵ by the leaders of sixteen countries of East Asia and neighbors regions: the thirteen ASEAN+3 plus India, Australia and New Zeland (Russia has applied for membership, mas esteve apenas presente with the observer status in the first EAS in 2005). Além do significado destes encontros pan-regionais de alto nível e das declarações políticas sobre uma grande

⁵ The first EAS was held in Kuala Lumpur, Malaysia on December 14, 2005; the 2nd EAS was held in Metro Cebu, Philippines on January 15, 2007, approximately a month after the original scheduled date that was post-poned in the face of Tropical Typhoon Utor; and the 3rd EAS was held in Singapore on November 2007; the 4th EAS is agreed to convene in Thailand, durante 2008.

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

variedade de tópicos, da economia aos conflitos regionais ou redução da pobreza, the EAS participants already signed some important documents such as the *Cebu Declaration on East Asian Energy Security* and the *Singapore Declaration on Climate Change, Energy and the Environment*. They also agreed to support the EAS Energy Cooperation Task Force, to launch the Comprehensive Economic Partnership in East Asia (CEPEA), and to establish the Economic Research Institute of ASEAN and East Asia (ERIA).

The *idea of an East Asia Community* has a long history, beginning in the 1930s Japanese imperialist construction of the “*Great East Asia Co-prosperity Sphere*” and passing through the 1990 Malaysian proposal of an “*East Asia Economic Caucus*” to create a trade union in the region. Actually, with such recent dramatic regional multilateral cooperation developments, the prospects for establishing an East Asia Community have apparently better chances to be realised, maybe coming from the ASEAN +3 or EAS processes, but always with ASEAN at the center and acting as the driving force.

Também ao *nível inter-regional e pan-regional a cooperação multilateral é uma realidade afirmada*, com destaque para the Asia-Pacific Economic Cooperation (APEC), Asian Development Bank (ADB), ASEAN Regional Forum (ARF), Asia Cooperation Dialogue (ACD), Asia-Europe Meeting (ASEM), Forum for East Asia-Latin America Cooperation (FEALAC), Asian-African Sub-Regional Organisations Conference (AASROC), Pacific Economic Cooperation Council (PECC), UN Economic and Social Commission for Asia and the Pacific (ESCAP), and the Pacific Basin Economic Council (PBEC). Similarly, the East Asian countries are also expanding cooperation with other inter-governmental organisations, such as the EU, NATO, Shanghai Cooperation Organization (SCO), Economic Cooperation Organisation (EEC), the Gulf Cooperation Council (GCC), the Rio Group, the South Asian Association for Regional Cooperation (SAARC) and the newly South Asian Economic Union (SAEU), the South Pacific Forum (SPF), and the Eurasian Economic Community (EurAsEC), among others.

On the other hand, *regional multilateralism is growing also in the specific security field*. Once again, ASEAN takes the lead, for example, with its *ASEAN Security Community (ASC)*, *Concord Declarations*, *Treaty of Amity and Cooperation (TAC) in Southeast Asia*, *ASEAN Declaration on the South China Sea*, the *Zone of Peace, Freedom and Neutrality (ZOPFAN)* or the *SouthEast Asian Nuclear-Weapon-Free Zone Treaty (SEANWFZ)* initiatives. ASEAN também mostra orgulho no seu papel para the

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

comprehensive political settlement of the Cambodian conflict, no apoio ao processo que conduziu à independência de Timor-Leste ou no apoio for the peace process in Aceh (Indonesia). Além disso, estando a ASEAN, a par do Japan, entre os actores regionais que mais ênfase vêm colocando in the economic, environmental, social and human dimensions of security, vem desenvolvendo um vasto leque de actividades intra-ASEAN e com os seus parceiros to promote regional cooperation in dealing with new transnational security issues.

Security dialogue and cooperation está igualmente presente among the *ASEAN +3 and East Asia Summit* participants. The ASEAN+3 countries têm progredido particularly in the field of non-traditional security issues, destacando the threat posed by terrorism and other transnational crimes, tendo adoptado desde 2004 a Concept Plan and an Action Plan to address transnational crimes in eight areas, namely terrorism, illicit drug trafficking, trafficking in persons, sea piracy, arms smuggling, money laundering, international economic crime, and cyber crime. Por seu lado, o principal objecto da security dialogue and cooperation da East Asia Summit tem sido a segurança energética como demonstram as *Cebu Declaration on East Asian Energy Security (January 2007)* and the *Singapore Declaration on Climate Change, Energy and the Environment (November 2007)*.

The *ASEAN Regional Forum (ARF)* is a specific pan-regional security dialogue and cooperation multilateral mechanism. Created in 1994 by ASEAN and its dialogue partners for the relaxation of tensions in the region through multilateral consultations, confidence building, and eventually the prevention of conflict, the ARF tem-se alargado and has now the following current participants: Australia, Bangladesh, Brunei, Cambodia, Canada, China, European Union, India, Indonesia, Japan, North Korea, South Korea, Laos, Malaysia, Myanmar, Mongolia, New Zealand, Pakistan, Papua New Guinea, Philippines, Russia, Singapore, Thailand, Timor Leste, United States, and Vietnam. «*Despite the great diversity of its membership*», the ARF Ministers declared on the tenth year of ARF, «*the forum had attained a record of achievements that have contributed to the maintenance of peace, security and cooperation in the region*», citando em particular: the usefulness of the ARF as a venue for multilateral and bilateral dialogue and consultations and the establishment of effective principles for dialogue and cooperation, featuring decision-making by consensus, non-interference, incremental progress and moving at a pace comfortable to all; the willingness among ARF participants to discuss a wide range of security issues in a multilateral setting; the mutual confidence gradually built by cooperative activities; the cultivation of habits of dialogue and consultation on political and security issues; the transparency promoted

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

by such ARF measures as the exchange of information relating to defense policy and the publication of defense white papers; and the networking developed among national security, defense and military officials of ARF participants (see ARF Webpage – *About Us*). On June 2004 it was established the ARF Unit to support the enhance role of the ARF Chair, including interaction with other regional and international organizations, defense officials dialogue and “Track II” organizations; to function as depository of ARF documents/papers; to manage database/registry; and to provide secretarial works and administrative support, including serving as the ARF’s institutional memory (ibid.).

Outro exemplo de multilateralismo na área da segurança são as *Six Parties Talks* que juntam the PRChina, South Korea, North Korea, the US, Russia, and Japan destinadas to find a diplomatic and peaceful resolution to the DPRK nuclear program’s problem, with five rounds of talks and its phases from 2003 to 2007. Para já, a situação na Coreia parece estar a progredir positivamente: depois de anos de tensão agravada, entretanto, pela experiência atômica norte-coreana em Outubro de 2006, está agora em implementação um DPRK’s denuclearization road map, ao abrigo dos acordos nas Six-party Talks (September 2005 joint statement and the February 2007 implementation agreement). In July 2007, a Coreia do Norte closed the Yongbyon nuclear facility and, in addition, voltou a admitir inspectores da International Atomic Energy Agency (IAEA) nesse complexo, pela primeira vez em cinco anos. Em contrapartida, Pyongyang começou a receber energy assistance e a ver desmantelar parte das sanções económicas e comerciais. O principal objectivo das Six-party Talks continua a ser o de concluir o completo desmantelamento de todas as actividades nucleares da Coreia do Norte até ao fim de 2008 e obter declarações completas e verdadeiras of nuclear materials from Pyongyang, including highly enriched uranium, plutonium, and nuclear devices. Ao mesmo tempo, todavia, o quadro das Six-party talks também está a ser importante para o progresso do relacionamento inter-coreano, para a pacificação das relações de Tóquio e de Washington com Pyongyang e para a possibilidade de um Tratado de Paz definitivo na Península Coreana que substitua o Armistício de 1953. Ou seja, the 6-Party talks podem tornar-se a base para um regime multilateral de segurança mais vasto emergente in Northeast Asia.

Entretanto, outras formas de cooperação multilateral inter-governamental têm surgido. Por exemplo, in 1999 was launched the China-Japan-ROK Leaders' Meeting to adress a wide variety of issues, from trade cooperation to security concerns. The US, Japan and Australia lançaram em 2002 o “*Trilateral Strategic Dialogue*”. Em 2005 o «*strategic triangle Russia-China-India*» começou a materializar-se com a realização de cimeiras ministeriais trilaterais, numa rotina anual visando o desenvolvimento das relações

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

mútuas e fazer do Século XXI o Século da Ásia, mas reivindicando também a multipolaridade global. In 2006, Japan advanced com a proposta de um novo canal cooperativo pan-regional que denomina de “*The Arc of Freedom and Prosperity*” aberto a todos os países da, e em torno da, Eurásia. E em Maio de 2007 foi lançada a “*Iniciativa Quadrilateral*” (QI), juntando os EUA, o Japão, a Austrália e a Índia com o objectivo de reforçar a cooperação prática e a eficácia na resposta a catástrofes, a segurança dos estreitos do Indico e do Sudeste Asiático, a segurança energética e o combate ao terrorismo, à pirataria, à imigração ilegal, à WMD proliferation e à criminalidade organizada, embora não possa deixar de ser interpretado também como mais um mecanismo de articulação entre aquelas quatro potências visando controlar a emergência da China.

Uma experiência distintiva de security multilateralism in East Asia are the non-governmental processes (o denominado “second track”) for dialogue on security and other issues in the region, such as Northeast Asia Security Cooperation Dialogue, Shangri-la Dialogue, Boao Forum for Asia (BFA), and the Committee on Security Cooperation in the Asia-Pacific (CSCAP), juntando committees from many different countries across the region. The aim of this “second track” is to provide a more structural regional process of a non-governmental nature to contribute to the efforts towards regional confidence building and enhancing regional security through dialogues, consultation and cooperation.

De acordo com as visões liberal e construtivista, a *cooperação institucionalizada e os regimes internacionais atenuam rivalidades, maximizam os benefícios da cooperação*, abrem espaço para a diplomacia preventiva e para o diálogo construtivo, potenciam processos de decisão partilhados e criam mecanismos, regras e normas que regulam e influenciam as interações dos actores. A experiência da ASEAN parece dar-lhes razão: há umas décadas atrás, the Southeast Asian security situation era comparada aos European Balkans; entretanto, nas suas mais de quatro décadas de história, a ASEAN tem contribuído significativamente para a paz e a estabilidade among its member countries despite territorial disputes, da diversidade étnico-cultural-religiosa e das persistentes diferenças económicas, políticas e sociais among them. Na perspectiva liberal e construtivista, a estabilidade da East Asia é, assim, em grande medida, o reflexo do multilateralismo proliferante que, por sua vez, vem produzindo efeitos positivos tipo “bola de neve” nas percepções regionais, no comportamento dos actores e no sistema de segurança regional, destacando o impacto do chamado “ASEAN way” nos relacionamentos regionais ou no comportamento de grandes

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

potências como a China ou os Estados Unidos. Amitav Acharya (2003-04 and 2001), por exemplo, sugere que o crescente interesse da China na cooperação institucionalizada sobre segurança e a aceitação pelos EUA dos padrões ASEAN e ARF de segurança cooperativa ilustram como os mecanismos multilaterais regionais permitem que iniciativas de países muito menos poderosos como os do Sudeste Asiático podem afectar a postura das grandes potências regionais. Noel M. Morada (2004) considera que a abordagem da ASEAN nas relações com a China, incluindo os processos ASEAN + 1, ASEAN + 3 e ARF têm sido vitais para a China dar largas à sua política de “*peaceful rise*” e para os países do Sudeste Asiático se descomplexarem nas suas relações com Pequim, envolvendo uma potência que tradicionalmente temem. De facto, muitos acreditam no efeito de “persuasão” induzido pela socialização nos quadros multilaterais regionais, considerando que processos como o ARF não só permitem o envolvimento da China como “socializa” o seu bom comportamento no sentido que os países ASEAN e outros desejam: «*China’s involvement in the ARF and related processes seems to have led to the emergence of a small group of policy-makers with an emerging, if tension-ridden, normative commitment to multilateralism because it is “good” for Chinese and regional security (...) Even Chinese ARF specialists have noted that the institutional culture of the ARF requires them to adjust the tone and tenor of their discourse*» (Johnston, 2003a: 132). Assim, o papel do ARF é de tal modo saliente que é considerado por Johnston (ibid.: 123) uma «*counter-realpolitik institution*».

Mas se os progressos do multilateralismo na East Asia são um dado inquestionável - o que é tanto mais notável numa macro-região tão diversa e sem hábitos de cooperação multilateral institucionalizada, onde sempre prevaleceu o bilateralismo – temos de reconhecer também que a esmagadora maioria dos países asiáticos mantêm concepções tradicionais de soberania, resistindo a ceder competências ao nível supranacional, criar compromissos e submeter-se a regras e regimes externos muito rígidos que reduzam a sua margem de manobra ou aceitar a “intromissão” de instituições internacionais nos seus “assuntos internos”. As nações asiáticas estão a abraçar o multilateralismo e a cooperação institucionalizada mas fazem-no no espírito de “regionalismo aberto”, o que é particularmente verdadeiro no domínio da segurança onde os compromissos são bastante superficiais e, essencialmente, declarativos.

Por isso, muitos analistas, em particular do campo realista, salientam os *limites do modelo cooperativo tipo “ASEAN way”*, atestando que os formatos típicos de decisão por consenso, a salvaguarda absoluta do princípio da não-ingerência, a opção pelas abordagens informais e flexíveis, a abrangência e superficialidade dos assuntos, sem

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

lidar com os problemas mais difíceis, embora “confortáveis” para os Estados da região, torna as instituições multilaterais na Ásia Oriental pouco efectivas e sem grande influência no comportamento dos Estados ou na segurança regional. Nesta perspectiva, iniciativas da ASEAN como a ZOPFAN or the *SEANWFZ*, por exemplo, são descritas pelos críticos como contraditórias e irrealistas, na medida em que tendem a limitar a intervenção extra-regional ao mesmo tempo que a própria ASEAN encoraja o envolvimento das grandes potências nos assuntos económicos e de segurança no Sudeste Asiático (Collins, 2003: 161). Da mesma forma, a resolução do problema cambojano é visto, principalmente, como consequência do fim do conflito China-URSS e da coincidência de interesses entre a China e os EUA que permitiram que a ASEAN acabasse por ter um aparente papel proeminente (Smith e Jones, 1997).

O mesmo tipo de raciocínio e de crítica pode ser invocado a propósito de falhanços ou “ausências” da ASEAN como, por exemplo, durante a crise financeira de 1997-98; perante os conflitos étnico-religiosos e separatismos na Indonésia; face aos problemas políticos no Myanmar; a incapacidade para resolver os diferendos no Mar da China do Sul; a incapacidade de resposta rápida e coordenada à catástrofe provocada pelo tsunami de December 2004; o alheamento no processo de independência de Timor-Leste (see on this Pureza, 2003) e na crise timorense de 2006-2007; ou ainda o papel secundário no processo de paz no Aceh, Indonesia. Estes dois últimos casos constituem um bom exemplo dos limites da ASEAN. Relativamente a Timor-Leste, país da Southeast Asia recentemente independente saído de uma longa ocupação indonésia (1975-1999) e candidato à adesão na ASEAN, a ASEAN não quis ou não foi capaz de reagir à crise político-social de 2006, tendo que ser países “externos” (nomeadamente Australia e Portugal) a desencadear esforços junto da ONU e fornecer imediatamente meios para estancar as perturbações e a iminente guerra civil. No caso do processo de paz between Indonesian Government and the Free Aceh Movement (GAM), por incrível que pareça, foi a União Europeia a desenvolver uma *Aceh Monitoring Mission* (AMM, from December 15, 2005 to December 15, 2006), limitando-se five ASEAN countries (Thailand, Malaysia, Brunei, Philippines and Singapore) a dar monitors for EU's AMM. Por isso, há quem reivindique que a ASEAN «*não é realmente uma organização que evita conflitos. É mais uma organização que evita “assuntos”*» (Smith e Jones, 1997: 147).

Por outro lado, processos como o ARF, o ASEAN+ 3 ou as East Asia Summit são de tal modo abrangentes nos seus participantes que as enormes disparidades quanto às prioridades e preocupações de segurança, bem como as divergências entre eles sobre

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

assuntos fulcrais de segurança, limitam o seu impacto na resolução de certas questões concretas. Muitas vezes, os diálogos e mecanismos de cooperação sobre segurança na Ásia Oriental parecem mais *talking shops* onde os líderes asiáticos se cumprimentam e discursam mas evitam a todo o custo abordar problemas que consideram politicamente demasiado árdus, difíceis ou sensíveis. O que sugere que os países asiáticos e, em particular, algumas grandes potências estão a aumentar o seu nível de participação e de envolvimento nos processos multilaterais, em grande medida, para prevenir que esses mecanismos tomem decisões ou evoluções contrárias aos seus interesses, para evitar que sejam instrumentos geopolíticos ao serviço de competidores regionais e para promover os seus próprios interesses e influência.

De tudo isto, extraímos várias reflexões principais a propósito da ligação entre multilateralismo e segurança regional:

- temos vindo a assistir à emergência rápida na Ásia Oriental de um complexo e muito variado mosaico de mecanismos e processos multilaterais regionais e pan/inter-regionais, tanto formais como informais e quer inter-governamentais quer não-governamentais or “track II”;
- a cooperação multilateral é, obviamente, mais acentuada no domínio económico e comercial. Mas também vem crescendo em matéria de segurança, notando-se que é mais fácil e que está a progredir mais rapidamente em torno dos problemas de segurança não-convencionais;
- o impacto do multilateralismo é muito mais sensível no Sudeste Asiático do que no Nordeste Asiático, por via da ASEAN e das suas iniciativas;
- o impacto do multilateralismo é limitado na resolução de algumas “hard questions” concretas mas, ainda assim, tem contribuído para: a) uma crescente abordagem conjunta de certos problemas de segurança, sendo um canal suplementar aos relacionamentos bilaterais; b) evitar que certas disputas se agravem ou entrem em escalada; c) gerar confiança mútua e um ambiente regional mais desanuviado; d) criar gradualmente hábitos de cooperação regional;
- o crescente sentido de “comunidade” entre os ASEAN countries, o incremento do relacionamento entre os ASEAN+3 participants, o sucesso das Six-party talks ou a relativa paz e estabilidade regional ilustram bem os efeitos positivos da cooperação multilateral na East Asia;

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

- o “pragmatismo” é a palavra-chave nas abordagens da cooperação regional, em virtude dos muitos e variados problemas de segurança, das circunstâncias histórico-estratégicas da região e das suspeitas de que as reais motivações de certos East Asian actors nos processos e mecanismos multilaterais estarão ligadas, essencialmente, a tradicionais lógicas de poder;
- multilateralism is improving mas não substitui o peso e o significado que as relações bilaterais ainda têm na ordem e na segurança regional – a novidade é que o convencional bilateralism is now being followed by multilateral arrangements;
- as instituições e compromissos multilaterais são mais formas de segurança cooperativa do que de segurança colectiva. O que vem emergindo na região é cada vez mais uma ordem de segurança cooperativa baseada no adensamento da rede de relacionamentos bilaterais e multilaterais num esforço partilhado para sustentar e/ou promover a segurança e a estabilidade regional, o que have been good for rapid and sustained regional economic growth and social progress;

IV. The Geopolitical Game: Uni-Multipolarity, “*Congagement*” and “*Hedging*”

Num contexto marcado tanto pela expansão do conceito de segurança regional e das preocupações de segurança como pelo aumento de todo o tipo de interdependências agregado a um multilateralismo proliferante, o jogo de poder na East Asia é caracterizado por três aspectos principais inter-relacionados: i) uma estrutura uni-multipolar; ii) a prática simultânea de controlo, contenção e envolvimento mútuos entre todos os actores; e iii) e o exercício da hedging strategy.

Uni-Multipolarity

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

A estrutura de poder na East Asia pode ser descrita como uni-multipolar⁶, isto é, um sistema híbrido que contempla a supremacia de uma única superpotência, the United States, com outros pólos de poder significativos embora muito distintos entre si nas suas capacidades, natureza, instruments and respectivos impactos regionais e globais - such as, mainly, the rising great China and the newly strategically ambitious Japan, mas também as ressurgents Russia and Índia e as as mais confiantes ASEAN and Korea. Na realidade, o geopolitical game involves all nations of the region as well some “non-residentes” powers na medida em que, mesmo num ambiente mais pacífico e desanuviado do que em épocas anteriores, de uma maneira geral, todos os actores regionais procuram utilizar e aumentar as suas capacidades económicas, militares e influência política na defesa ou promoção dos seus interesses e valores específicos.

Whether «*the United States is in relative decline*» in the region (Shaplen and Laney, 2007: 82) or «*Winning Asia*» (Cha, 2007), the true is the US is still far isolated at the top of the World and East Asian structure of power, grounded in its military superiority and vast strategic presence (from Guam to Afghanistan, including several thousand troops in Japanese and South Korean territories, as well in the Pacific and Indian Oceans), its old and renewed system of alliances (mainly with Japan, South Korea, Thailand, Singapore, the Philippines, Taiwan, Pakistan, Australia and New Zeland, as well the Afghanistan post-taleban), its strategic cooperations and dialogues (with China, Mongolia, Indonesia, Russia and ASEAN group, as well with India), its huge political influence (quer junto dos governos of Asia-Pacific quer junto das instituições regionais e internacionais), its advanced science and technology (in all domains civilian, military and spacial), and its large economic and commercial weight. Sendo certo que os EUA vêm acumulado uma impressionante dívida externa e enormes défices comerciais com a generalidade dos países da East Asia e que só a China, o Japão e a Coreia representam, conjuntamente, quase metade of the almost USD 2.2 trillion total of US debt (o que constitui, obviamente, uma grande preocupação in the US), the american economy continua a ser a maior e a mais influente do mundo, significando cerca de 1/5 of world GDP adjusted for purchasing-power parity (its shares

⁶ In my point of view, a estrutura uni-multipolar é também a que melhor caracteriza the world order with, on the one hand, the *hyperpuissance* US and, on the other hand, some other regional great powers with international relevance such as the EU, China, Japan and India, plus many other regional powers (UK, France, Germany, Brasil, Austrália, Indonesia, Pakistan, South Africa, Israel, Iran, Saudi Arabia, Egipt, etc). See on this Luis Tomé (2004), *The New World's Geopolitical Outline*. Lisbon: EdiUAL and Quid Juris, namely *Part I*: 21-50; and (2003), “Uma ordem uni-multipolar, uma grande guerra e o jogo de «contenções mútuas e múltiplas»” [*A Uni-Multipolar Order, a Great War and the Game of “Multiple and Mutual Containments”*] in *Nação e Defesa*, Nº 106, National Defense Institute: 77-122.

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

grows to 1/4 of global GDP if measured by USD weight), estando os Americanos entre os principais investidores estrangeiros e parceiros comerciais of virtually all Asia-Pacific countries: as of 2006, the US was o 1º parceiro comercial do Japan and ASEAN group (representando 18,7% e 12,5% do total do comércio externo nipónico e da ASEAN, respectivamente), o 2º da PRChina (15,9%) and India (10,4%), o 3º da ROKorea (12,6%) e de Taiwan, o 4º da Austrália (10,9%), o 5º da Rússia (3,6%) e o 6º da Mongolia (4,6%) (European Commission – *Trade Statistics*). The US is, indeed, the lonely superpower, estando no topo dos rankings de todas as dimensões de poder, combinando tanto um tremendo “hard power” como um imenso “soft power” e tendo vindo a utilizar cada vez mais frequentemente o seu hard power for soft-power purposes as it did, for example, in response to the December 2004 tsunami⁷: as Victor D. Cha (2007: 100) demonstrates «*no other nation, and no international organization, could have coordinated such a response*».

In East Asia (as in the World), the US⁸ is trying to maintain its supremacy and the “pax americana” within other great powers should be peacefully accommodated, ao mesmo tempo que procuram fazer avançar os seus interesses relacionados com a segurança, o desenvolvimento económico e a promoção da democracia e dos direitos humanos. The US is also interested em tirar o devido proveito do crescimento económico dos East Asian countries; in to avoid the creation of a competitive Asian strategic axis (joining, for instance, China, Russia, and India or even Iran); and in to control China’s rising power and influence. Para isso, os US consideram crucial a proclamada “global alliance” com o Japão - o mais importante aliado dos EUA na Asia-Pacific – and the strategic articulation with other allies and partners - such as South Korea, Australia, Mongolia, Taiwan, ASEAN, and India, while is also embracing and cooperating with China and Russia.

East Asian countries continue to differ sobre o papel e a forte presença estratégica dos US na região, com a China e a Rússia, nomeadamente, mas também a North Korea and Myanmar a encorajarem uma diminuição gradual da posição americana, enquanto

⁷ Within 48 hours of the disaster, the US had enlisted Australia, India, the EU, and Japan and organised the largest emergency relief mission in modern history, sending over 16,000 US military personnel, two dozen ships, and 100 aircraft as part of its immediate USD 346 million relief package, followed by an additional US commitment of USD 600 million (Cha, 2007: 99-100). Plus, it dispatched the USNS *Mercy* with, equipped with 12 operating rooms and 1,000 hospital beds, treated almost 10,000 patients and performed close to 20,000 medical procedures. Washington voltou a enviar o *Mercy* para prestar assistência humanitária em 2006 into South and Southeast Asia: in just five months, its crew treated almost 200,000 patients, performed more than 1,000 surgeries, and trained more than 6,000 local medical professionals, while small teams from the US Naval Construction Force also made repairs or improvements to medical centers, schools, and other infrastructure onshore (Shaplen and Laney, 2007: 95).

⁸ About the USA as major player in East Asia as well its priorities and policies see also Carlos Gaspar’s essay in this book.

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

a maior parte dos outros países asiáticos continuam a apoiar uma poderosa presença americana. A realidade é que os EUA continuam a ser fundamentais enquanto “regional balancer”, ajudando a garantir a estabilidade e os equilíbrios geopolíticos na East Asia: apesar dos significativos progressos nas relações mútuas e da relativa “tranquilidade” regional, os países asiáticos não confiam suficientemente uns nos outros, sentindo-se mais confortáveis e descomplexados nos seus relacionamentos, na acomodação de potências ressurgentes ou ainda na resolução dos muitos e variados problemas de segurança, sabendo que os EUA “estão por ali”.

País de superlativos com um elevadíssimo potencial nacional⁹, «*China’s rapid rise as a regional political and economic power with global aspirations is an important element of today’s strategic environment – one that has significant implications for the region and the world*» (US DoD, 2007: I). Sendo certo que o crescimento da China não decorre sem enormes dilemas e constrangimentos internos e externos, China’s share of global GDP has grown from less than 5% in 1980 to almost 16% today - adjusted for purchasing-power parity which means, by this measure, China ranks second just after the US - e já é hoje o 1º parceiro comercial do Japão, da Coreia do Sul e da Mongólia, o 2º da EU e da Rússia, o 3º dos EUA e da Índia e da ASEAN (see more on this in Henrique Morais’ and Rui Paiva’s essays this book). Its Popular Liberation Army (PLA) chinês é o maior exército do mundo, com 2 milhões e 250 mil soldados e em acelerada modernização e acumulação de capacidades - os orçamentos de defesa chineses têm aumentado na ordem dos dois dígitos anualmente nos últimos 25 anos -, nomeadamente em termos de poder aéreo e naval, mobilidade de forças, e sistemas de mísseis e satélites (see on this US DoD, *The Military Power of the People’s Republic of China 2007*; see also Alexandre Carriço’s essay in this book). Entretanto, a China começou a participar em exercícios militares conjuntos (principalmente com a Rússia and within SCO framework, but also with India, Pakistan, Southeast Asian countries, the UK, and France), rompendo com décadas de auto-proibição desse tipo de cooperação, envolvendo também cada vez mais militares seus em operações de paz das Nações Unidas: there were 1,824 Chinese UN peacekeepers as of December

⁹ É o país mais populoso do mundo, com mais de 1300 milhões de habitantes, o que corresponde a quatro vezes mais população que os EUA e dez vezes mais que o Japão; o seu território de 9,6 milhões de km² tem uma dimensão continental, estendendo-se da Ásia Central ao Oceano Pacífico e incluindo uma enorme diversidade geográfica e climática e imensos recursos naturais; possui uma civilização milenar e a mais longa História ininterrupta do mundo com mais de 4000 anos; e é a nova estrela da economia asiática e mundial, apresentando taxas de crescimento próximas dos 10% anualmente nos últimos trinta anos e ainda com uma enorme margem de progressão, podendo vir a ser a maior economia do mundo nas próximas duas décadas.

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

2007, being that date the 13^o in the ranking of troop contributors to UN operations, far away from any other East Asian country; by December 2001, there were only 129 Chinese UN peacekeepers ranking the 44^o place (UNDPKO webpage – Facts and Figures – Troop Contributors). A sua maior influência política começa a fazer-se sentir não só na East Asia mas muito para lá desta região, em particular na Central and South Asia, ou ainda em África, no Médio Oriente e na América Latina, bem como em todos os fóruns e mecanismos multilaterais em que participa.

A Ásia, claro está, é o palco prioritário de afirmação e relacionamento internacional da China¹⁰. Prosseguindo uma política de “boa vizinhança”, Bejing já celebrou tratados que delimitam 20.222 km das suas fronteiras, em particular com a Rússia e as ex-repúblicas soviéticas of Central Asia e estabeleceu ainda uma vasta série de acordos visando a resolução pacífica dos diferendos fronteiriços que persistem with India, Japan, Vietnam and other ASEAN countries. Ao mesmo tempo, a China vem intensificando o seu envolvimento nas instituições e diálogos multilaterais regionais, enquanto incrementa os seus relacionamentos bilaterais com todos os vizinhos asiáticos e com os US, fazendo habilmente de todos eles parceiros produtivos.

O grande objectivo estratégico declarado pela China is «*to build a moderately prosperous society in an all-round way and a socialist harmonious society (...) moving toward multi-polarity*» (China’s National Defense 2006: Chapter 1). Assim sendo, a sua política externa visa desenvolver relações que lhe permitam fortalecer o seu poderio económico e militar e a sua influência política, isto é, o seu “*comprehensive national power*”. A China prossegue uma “*grande estratégia*” nacional de longo-prazo, em que o crescimento do seu “*comprehensive national power*” lhe vai proporcionando uma cada vez mais favorável “*strategic configuration of power*”. Trata-se, portanto, de uma estratégia pragmática e paciente de “esperar para ver”, no pressuposto de que o seu crescimento “*in an all-round way*”, aproveitado sabiamente, se encarregará de lhe dar futuramente outro lugar no ranking das potências, maximizando todo o seu potencial (Tomé, 2006). In this regard, «*China is less a “responsible” power – flully embracing international norms in security and political affairs – and more a “responsive” power, carefully maneuvering to preserve long-standing interests in changing circumstances*» (Sutter, 2005a: 16).

Japan is another fundamental player of East Asian geopolitics. Japanese domestic economic troubles and stagnation in the 1990s, together with the economic emergence

¹⁰ The Chinese Foreign and Asian Policies will be developed by Cármen Amado Mendes’ essay in this book.

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

of China, diminuíram o estatuto económico do Japão comparativamente às décadas de 1960 a 1980, mas a sua economia continua a ser uma das mais avançadas, poderosas e influentes do mundo e o Japan um dos maiores investidores em países estrangeiros e um parceiro económico e comercial crucial of the most East Asian countries, the US, Australia, India, the EU, as well of the most Midle East countries. O Japão está também na vanguarda da ciência e tecnologia, incluindo no domínio militar. E sendo relatively small (with 240,000 troops), as suas forças estão extraordinariamente bem equipadas e dotadas tecnologicamente, com um defense budget que é o 5º maior do mundo mesmo sem ultrapassar o limite de 1% of its GDP. Embora o Japão mantenha a sua tradicional noção de comprehensive security as well economic and cooperative security approaches, o aspecto mais relevante for East Asian security and geopolitics today é a reconversão e expansão do seu security profile (Pyle, 2007; see also Miguel Neves’ essay in this book). Este dado não é inteiramente novo pois, sobretudo desde o fim da Cold War, que o Japão avança no sentido de ser um “normal country”: é candidato a membro-permanente do UN Security Council desde 1991 e tem vindo a reinterpretar sucessivamente a sua Constituição alargando o perímetro de actuação das suas Self-Defense Forces (SDF) e o nível de participação em missões de paz e segurança no estrangeiro. Mas esta predisposição nipónica of strategic expansion and institutional reform tem acelerado nos últimos anos começando a abandonar, assim, vários self-imposed restraints que têm caracterizado o seu “pacifismo institucionalizado”. Por exemplo, em Janeiro de 2007, fez um upgrade na *Self-Defense Agency* voltando a ter, pela primeira vez since World War II, um Ministry of Defense. Entretanto, deu início a um processo de revisão constitucional visando emendar, em particular, o famoso Article 9 segundo o qual «*the Japanese people forever renounce war as a sovereign right of the nation and the threat or use of force as means of settling international disputes. In order to accomplish the aim of the preceding paragraph, land, sea, and air forces, as well as other war potential, will never be maintained. The right of belligerency of the state will not be recognized*» - em Maio de 2007, the Japanese Diet aprovou a realização de um referendo sobre a Constituição para 2010. Além disso, Tóquio tem vindo a desenvolver a sua capability to project power, and in the end of 2007 its Diet voted to allow Japan to use outer space for military purposes.

Paralelamente, a aliança com os US reforçou-se e avança gradualmente no sentido de uma verdadeira collective self-defense, proclamando as duas partes uma “global alliance”: Washington e Tóquio acordaram the downsizing of the US force stationed in Japan (cerca de 8,000 marines posicionados em Okinawa estão a ser deslocados para

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

Guam) e um acréscimo de responsabilidades para as forças japonesas; multiplicam-se e intensificam-se os joint military exercises between American and Japanese, melhorando substancialmente o nível de integração e inter-operabilidade entre as duas forças; Japan joined the US in developing a ballistic missile defense system for the region; and starting in 2008, the US will base a nuclear-powered aircraft in Japan, for the first time. In Iraq, Japan has deployed its SDF for humanitarian operations, flown C-130 supply missions, and become the second-largest donor to Iraqi reconstruction¹¹. Within “Contact Country” framework, Japan have been improving its relationship with NATO, dialogando e cooperando num vasto leque de tópicos relacionados com a segurança internacional: for example, in Afghanistan, Japanese are providing financial, humanitarian, medical and logistical support for the NATO-led International Security Assistance Force (ISAF) there: in March 2007, there were agreed a framework within which Japan would provide up to 2 billion yen (around USD 20 million) of financial support for humanitarian projects in Afghanistan, particularly in the areas of primary healthcare and education. Japanese SDF are also involved in anti-terrorist and counter-proliferation activities in Indian as well Pacific Oceans, and is one of the most active participants in the American-led *Proliferation Security Initiative* and *Container Security Initiative*. Similarly, Japan é parte do “*Trilateral Strategic Dialogue*”, lançado em 2002, juntamente com the US and Australia, bem como da “*Iniciativa Quadrilateral*” (QI) with the US, Australia, and India lançada em Maio de 2007 e no âmbito da qual Japanese naval forces participaram nos exercícios navais na Baía de Bengala, no Oceano Indico, in October 2007.

Entretanto, since 2006, Tokyo propôs e tenta promover, enquanto pilar of «*Japan's Expanding Diplomatic Horizons*» um novo canal cooperativo pan-regional que denomina de “The Arc of Freedom and Prosperity”, envolvendo toda a Eurasia and «*the outer rim of the Eurasian continent*»¹².

¹¹ On July 2006, Japan has completed a full withdrawal of armed forces from Iraq.

¹² «*The basis of Japan's foreign policy is to strengthen the Japan-US alliance, as well as a strengthening of our relationships with our neighboring countries, such as China, ROK, and Russia. (...) First of all there is "value oriented diplomacy," which involves placing emphasis on the "universal values" such as democracy, freedom, human rights, the rule of law, and the market economy as we advance our diplomatic endeavors. And second, there are the successfully budding democracies that line the outer rim of the Eurasian continent, forming an arc. Here Japan wants to design an "arc of freedom and prosperity". (...) take a look around the outer edge of Eurasia - just follow that line all the way around. This belt has seen great changes upon the end of the Cold War as the curtain was being drawn on the confrontation between East and West. It is these countries in which we hope to help build "the arc of freedom and prosperity"*» (Aso, 2006).

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

A Rússia¹³ também não pode deixar de ser tida em consideração nos cálculos geopolíticos regionais, pois é geograficamente residente in Northeast Asia¹⁴ e reúne todos os atributos de uma grande potência, em virtude da sua dimensão geográfica (é, de longe, o maior país do mundo, ocupando cerca de 1/8 da superfície terrestre do planeta, mais do que a China e a Índia juntas, com 75% do seu território no Continente Asiático), da sua localização (the “heartland” of Eurasia) e das suas capacidades militares - tem um dos maiores orçamentos de defesa e maiores Exércitos do mundo e dispõe do segundo mais importante arsenal nuclear (herdando em exclusivo o poderoso arsenal nuclear soviético), depois do dos US. A Rússia herdou ainda o lugar da Soviet Union no UN Security Council (1991) tornando-se, entretanto, membro do G8 (1997) ou da APEC (1998), devendo aderir em breve também à WTO. E é, acima de tudo, uma grande potência energética: é o segundo maior produtor mundial de petróleo (depois da Arábia Saudita) e o maior fora da OPEC, calculando-se que tenha cerca de 7% a 10% das reservas mundiais de petróleo; é o maior produtor e exportador mundial de gás natural, calculando-se que tenha cerca de 1/3 das reservas mundiais deste recurso; terá ainda 20% das reservas mundiais de carvão pesado, além de grandes quantidades de urânio, aço, ferro, madeira, água, etc. Depois de um período imersa numa transição pós-soviética difícil e traumática, a Rússia está agora a ressurgir como grande potência mundial, mercê da estabilização interna e do aproveitamento do aumento da procura e dos preços do petróleo e do gás natural para melhorar a sua condição económica¹⁵ (exibindo taxas de crescimento anuais que oscilam entre os 6% e os 7.5% desde o ano 2000) e projectar a sua influência política. Paradoxalmente, a importância geopolítica da Rússia vai muito para lá do Northeast Asia mas o seu peso é maior em termos mundiais ou asiáticos do que na East Asian region¹⁶. Aliás, a prioridade externa da Rússia não incide nem sobre a East Asia no

¹³ About Russia as main actor in East Asia and its relations and policies in the region see also Raquel Freire's essay in this book.

¹⁴ É bom notar que, ao contrário do que aconteceu na Europa, no Cáucaso ou na Ásia Central onde surgiram newly independent post-Soviet States, Russian Far East é geograficamente o mesmo que o antigo Soviet Far East, confinando com a Mongólia, a China, a Coreia e o Japão.

¹⁵ Por exemplo, a Rússia já pagou a totalidade da dívida externa ao Clube de Paris que era, em 1998, de USD 158 billion e dispõe hoje de um chamado “Fundo de Estabilização” com cerca de 100 mil milhões USD.

¹⁶ De facto, a Rússia perdeu a tutela que teve sobre a Mongólia durante quase um Século; tem um relacionamento limitado com o Japão por causa do diferendo sobre as South Kuriles/Northern Territories (Etorofu, Kunashiri, Shikotan e Habomai Islands) – apesar do incremento das relações mútuas, Moscovo e Tóquio ainda não assinaram um Tratado de Paz desde a WW II; tem uma influência limitada na Coreia, bastante menor comparativamente aos US, China or Japan; e embora seja um dos Dialogue Partners da ASEAN (since 1996) e de participar no ARF, a sua influência é residual in Southeast Asia. Os limites do estatuto e da influência russa na East Asia são visíveis, por exemplo, na sua ausência do processo ASEAN+3 (why not an ASEAN+4 with Russia?) ou das *East Asia Summit* - apesar de pertencer geograficamente a esta região, apenas esteve como observador na primeira EAS a convite do país

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

seu conjunto nem sobre a Northeast Asia, onde reside fisicamente, mas sim sobre a Central Asia e a Eurasia. Por outro lado, a política asiática da Rússia é muito centrada na China: as duas potências têm uma parceria estratégica desde 1996, reafirmada com o Tratado de Boa Vizinhança e Cooperação Amigável de 2001; resolveram definitivamente, em 2005, os diferendos fronteiriços numa parte dos mais de 4300 km de fronteira comum; têm efectuado sucessivos exercícios militares bilaterais e no quadro da Shanghai Cooperation Organization (SCO), desde 2005; têm promovido e desenvolvido ambas a SCO, cooperando na estabilização da Central Asia; e o comércio bilateral multiplicou cerca de sete vezes desde o ano 2000, tornando a China o segundo maior parceiro comercial da Rússia, a seguir à EU. Além disso, a China continua a ser, de longe, o maior comprador de armas e equipamento militar russos (85% das importações de armamento chinesas, desde 1990, vêm da Rússia) e é também um dos maiores mercados para a energia russa: a Rússia é, actualmente, o primeiro fornecedor de gás natural da China e o terceiro de petróleo, depois da Arábia Saudita e Angola. A política asiática da Rússia não se esgota, porém, na China: além dos Estados pós-soviéticos da Central Asia and of the Collective Security Treaty Organization (CSTO), o diálogo e cooperação estratégica com o Irão e a Índia são, neste sentido, particularmente importantes para Moscovo, tentando contrariar a proeminência dos EUA (Tomé, 2007a). Por exemplo, a antiga proposta of former Russian foreign minister Evgeny Primakov who, in 1998, envisioned the creation of a «*strategic triangle Moscow-Beijing-New Delhi*» começou, aparentemente, a materializar-se com a realização das cimeiras ministeriais Russia-China-India desde 2005, numa rotina anual visando, nomeadamente, fomentar a “multipolaridade”.

Ou seja, Russia can be seen as a more important player than a few years ago in East Asia, namely in Northeast Asia, and especially if more weight is given to Central Asia or energy resources and routes. Basta lembrar, por exemplo, que na crise nuclear norte-coreana de 1993-94 a Rússia foi praticamente marginalizada, enquanto nesta última (2003-2007) foi imediatamente incluída nas 6-Party talks.

Outro actor cada vez mais relevante na East Asian geopolitics is South Korea, actualmente muito mais confiante pela conjugação de vários factores: o seu continuado crescimento económico (sendo hoje a 7ª maior economia do mundo) e do progresso e consolidação da democracia; a melhoria sensível das relações com a

anfitrião, a Malásia, quando outros “non-East Asian countries” such as India, Australia or New Zealand são participantes activos nas EAS. O relacionamento com os EUA ou com a China também é muito mais ditado por imperativos geopolíticos na Eurasia do que na East Asia.

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

China; a manutenção da aliança com the US e do bom relacionamento com o Japão, além do incremento de relações com a Rússia e também com a ASEAN ou a Índia; a provável desnuclearização norte-coreana e a crescente pacificação da Península, as well o fomento do inter-Korean dialogue and reconciliation (see on this Nuno Magalhães’ essay in this book). Acresce ainda que a Coreia do Sul se está a tornar mais “autónoma” na relação com the US, quer do ponto de vista económico e comercial (in 1991, the US accounted 26% of South Korea’s exports; by 2006, that share decreased for just 15%; ao mesmo tempo, a balança comercial entre os dois países continua a crescer favoravelmente à ROK) quer do ponto de vista militar, com a redução da presença militar americana e o aumento das capacidades e responsabilidades das suas próprias forças. Estima-se que os 39,000 militares americanos que ali estavam nos anos 1990 sejam reduzidos para 25,000 no final de 2008, estando também acordada a devolução aos sul-coreanos de 59 US camps sob o actual *Status of Forces Agreement* e o desmantelamento of the current *Combined Forces Command* by April 2012, wich will result in the US’ handing over wartime operational control of ROK troops on the Korean Península to Seoul. Entretanto, the South Korean Ministry of National Defense solicitou aumentos no orçamento de defesa de 11% ao ano até 2015 e de 9% ao ano entre 2015 e 2020.

Por tudo isto, South Korea está muito mais descomplexada nas suas relações com North Korea, com os seus poderosos vizinhos China, Russia e Japan ou com o seu aliado the US, sendo para todos eles, bem como para o grupo ASEAN, um actor a ter cada vez mais em conta nos cálculos políticos e estratégicos, sobretudo, na perspectiva de eventual reunificação coreana.

O grupo ASEAN é outro actor em crescente importância na geopolítica da East Asia (see also on this Nuno Canas Mendes’ essay in this book). Evidentemente, a ASEAN é um actor de natureza completamente distinto dos outros actores referidos, na medida em que não é um Estado singular mas uma organização inter-governamental de dez países com enormes diferenças e disparidades entre si. Por outro lado, os países ASEAN ainda são muito divergentes quanto ao modo como cada membro encara e se relaciona com grandes potências como a China ou os EUA, o que dificulta a afirmação da ASEAN como potência regional coesa e a torna permeável aos jogos estratégicos das grandes potências. No entanto, enquanto grupo, a ASEAN é indispensável nas reflexões sobre a regional geopolitics. Primeiro, numa definição de East Asia que agrega as regiões do Nordeste e do Sudeste Asiático, a ASEAN Community que integra todos os países do Sudeste Asiático não pode deixar de ser tomada em

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

consideração nos cálculos geopolíticos regionais. Segundo, os países ASEAN agregados contabilizam uma population of about 571 million, a total land area of 4.5 million square kilometers, a combined GDP of almost USD 1100 billion in 2006 (tendo crescido from about US\$ 645 billion in 2002), and a total trade of more than US\$ 1400 billion also in 2006, o que é significativo para os seus interlocutores. Terceiro, à semelhança dos outros actores, os países ASEAN têm aproveitado o crescimento económico para melhorarem as suas capacidades militares e aumentarem os seus orçamentos de defesa: os ASEAN countries combinados representam um total number of armed forces of almost 1.9 million and a defense expenditure around USD 34 billion. A conjugação ou a soma das capacidades dos membros ASEAN é hoje mais relevante na geopolítica regional dado o nível de integração da Associação, procurando quer alicerçar uma verdadeira “comunidade de segurança” no Sudeste Asiático quer alargar esse ideal de “comunidade” a toda a East Asia. Consequentemente, a ASEAN vem procurando aumentar o seu “peso”, a sua influência política e a sua margem de manobra internacional tanto através do incremento das relações bilaterais com os seus “Dialogue Partners”, atraindo-os para a “ASEAN vision”, como liderando os esforços de “acomodação” e cooperação regional, em particular através do ARF, do ASEAN+3 e das EAS, encontrando “mínimos denominadores comuns” nos interesses mútuos relacionados com a paz e o desenvolvimento. A realidade é que se outrora o Sudeste Asiático era palco directo da competição e conflito entre as grandes potências regionais e mundiais, a ASEAN vem conseguindo marcar uma maior autonomia do Sudeste Asiático face às “potências externas” e afirmar-se como interveniente efectiva na geopolítica regional e, até certo ponto, um “poder” a ter em conta pelas grandes potências.

Na geopolítica da região são ainda relevantes outras potências “externas” (além dos US) como a Australia e a Índia.

Aliada dos US, Dialogue Partner of ASEAN e participante no ARF, na APEC e na EAS, a Australia tem vindo a tentar projectar influência na East Asia, nomeadamente no Sudeste Asiático: for example, is the key contributor for the International Stabilization Force in Timor-Leste with 780 troops. Entretanto, in May 2007 a Austrália juntou-se aos EUA, Japan and India na chamada “*Iniciativa Quadrilateral*”, alargando o “*Trilateral Strategic Dialogue*” (US-Japan-Australia) launched in 2002.

Por seu lado, a ressurgência da Índia como potência económica (com um crescimento anual que ronda os 8% nos últimos 20 anos, uma economia apoiada na alta tecnologia e um share de 6.3 in the world GDP, based on ppp) e como potência estratégica (com

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

poder nuclear desde 1998 e com um poderoso exército de 1.3 million troops) tem promovido a sua influência política muito para lá da South Asia, sendo hoje um parceiro estratégico crucial dos US e da China, bem como da Rússia, do Japão, da ASEAN, da Austrália ou do Irão. A Índia é ainda membro da WTO since 1995 and candidata a permanent member of UN Security Council; participa na East Asia Summit e é possível candidata à adesão na SCO and APEC. A maior importância geopolítica da Índia é visível na disputa entre os eixos Rússia-China e US-Japan tentando atrair a colaboração indiana: assim, a Índia participa nas cimeiras ministeriais trilaterais Rússia-China-Índia desde 2005 integrando também, entretanto, desde Maio de 2007, a chamada «*Iniciativa Quadrilateral*» US-Japan-Australia-Índia. Por tudo isto, os cálculos geopolíticos sobre a East Asia têm cada vez mais em conta a emergente Índia, tal como para a Índia a “*Look East Policy*” é cada vez mais central nas suas perspectivas geopolíticas (see also Rui Pereira’s essay in this book).

Table 2. East Asian Countries + the US, India, and Australia: Defence Expenditure and Armed Forces

	USD m				Defence Expenditure			% of GDP			Number in Armed Forces (000)
					USD per capita						
	2001	2003	2005	2001	2003	2005	2001	2003	2005	2007	
EAST ASIA COUNTRIES											
Russia	46,100	65,200	58,000	318	451	404	4.5	4.9	3.7	1,027	
Mongolia	23	15	17	10	6	6	1.9	1.2	1.0	9	
North Korea	4,500	5,500	n.a.	201	243	n.a.	25.0	25.0	n.a.	1,106	
South Korea	11,919	14,632	20,313	252	304	418	2.8	2.4	2.6	687	
Japan	40,496	42,835	43,91	320	337	345	1.0	1.0	1.0	240	
China	43,551	75,500	103,956	34	17	23	3.7	1.5	1.3	2,255	
Taiwan	8,223	6,709	7,978	368	297	348	2.8	2.2	2.2	290	
Timor Leste		--	--	--	--	--	--	--	--	1	
Myanmar/Burma	4,941	6,260	6,944	103	136	140	10.7	9.6	n.a.	375	
Brunei	277	273	309	826	762	830	5.5	5.8	n.a.	7	
Cambodia	83	105	111	6	8	8	2.5	2.4	2.0	124	
Indonesia	4,360	7,121	8,437	21	32	37	3.0	3.0	3.0	302	
Laos	12	11	12	2	2	2	0.7	0.6	0.4	29	
Malaysia	1,921	2,882	2,930	81	125	123	2.2	2.8	2.3	109	
Philippines	1,155	840	837	15	10	10	1.6	1.1	0.8	106	
Singapore	4,369	4,741	5,578	1,061	1109	1260	5.1	5.2	4.8	73	
Thailand	1,739	1,931	2,021	28	31	31	1.5	1.3	1.1	307	
Vietnam	2,220	2,313	3,153	28	28	38	6.7	5.8	6.0	455	
ASEAN GROUP 10	21,077	26,277	30,332	--	--	--	3.9	3.7	--	1,887	

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

EXTRA-REGIONAL MAIN ACTORS

United States	305,500	404,920	495,300	1,073	1,395	1,675	3.0	3.7	4.0	1,506
India	14,368	15,508	21,726	14	15	20	2.9	2.6	2.7	1,316
Australia	7,028	11,529	15,550	361	584	774	2.0	2.2	2.2	52

Fonte: International Institute for Strategic Studies (IISS), *The Military Balance 2007* and *The Military Balance 2004-2005*.

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

Congagement

In this uni-multipolar order, most actors compete with and hold each other in check, but they also maintain coordination and practical cooperation in their mutual relationships, in a regional pattern of mixed and mutual control, containment and engagement.

The proeminent US and resurgent China are “natural” strategic rivals. Por isso, vários elementos sugerem uma política americana de *containment* da China¹⁷ e uma política chinesa de *containment* da hegemonia americana ou mesmo um certo comportamento revisionista destinado a forçar alterações que lhe sejam favoráveis na balança de poder regional¹⁸. Este clima de mutual containment é alimentado por profundas divergências em muitas questões - desde a questão de Taiwan à situação dos direitos humanos na China ou ao enorme défice comercial americano - e, ciclicamente, por episódios de confrontação ou provocação mútua¹⁹. Paralelamente, China and US competem ao nível económico e comercial, por mercados e por recursos energéticos, por capacidades militares e também pelo poder e influência na East Asia e noutras regiões, bem como nas instituições regionais e internacionais a que ambos pertencem. Contudo, the US-China mutual containment and competition constitute only one part of the relationship. The other part is growing cooperation baseada, genericamente, em interesses mútuos relacionados com o desenvolvimento económico, a estabilidade e a segurança. Por exemplo, apesar do défice comercial entre the US and China (cifrado em cerca de 233 billion USD em 2006, naturalmente favorável à China) ser uma fonte

¹⁷ Por exemplo, a articulação de posições com o Japão, a Coreia do Sul, Taiwan, a ASEAN, a Rússia, a Mongólia, bem com a Índia, a Australia or the EU, “cercando” a China; a protecção de Taiwan e a continuação da entrega de advanced weapons to Taipei (apesar dos US terem reiterado muitas vezes a sua “one China” policy); o acolhimento e apoio a “dissidentes” chineses e a organizações de direitos humanos e pró-democracia in China; o boicote na venda de armamentos e tecnologia evoluída de “dupla utilização” à China; a manutenção do velho sistema de alianças e de um poderoso dispositivo militar em toda a região da Asia-Pacific; e a pressão para a China mudar o seu sistema político, respeitar os direitos humanos e conformar-se com as normas internacionais inspiradas ou criadas pelos próprios EUA.

¹⁸ Por exemplo, denunciando o “hegemonismo” americano e acusando os US the ingerência nos seus “assuntos internos”; promovendo parcerias estratégicas com a Rússia e a Índia no sentido da multipolaridade; ameaçando permanentemente recorrer à força para tomar Taiwan; efectuando avultadas compras de armamentos à Rússia e modernizando o seu PLA, nomeadamente, em termos de poder aéreo e naval, mobilidade de forças, e sistemas de mísseis e satélites; mantendo bons relacionamentos com a Coreia do Norte, o Myanmar, o Sudão, a Venezuela, Cuba ou o Irão, Estados proscritos da “ordem americana”; aumentando muito e de forma pouco transparente o seu orçamento de defesa e as suas capacidades militares; mantendo reivindicações territoriais e fronteiriças com muitos dos seus vizinhos; e incrementando os seus relacionamentos bilaterais e envolvendo-se mais activamente nos mecanismos multilaterais quer para defender os seus interesses e promover a sua influência quer para impedir que sejam instrumentos geopolíticos de outras potências, a começar pelos US and Japan.

¹⁹ Como o bombardeamento da Embaixada da China na Sérvia, em 1999, o incidente com o avião de vigilância norte-americano EP-3, em 2001, ou certa retórica e postura mútua acerca de Taiwan, including some “war games” in the Strait.

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

de preocupação em Washington, o comércio bilateral US-China cresceu de USD 64 billion in 1996 to USD 343 billion USD in 2006, sendo a China a maior fonte das importações americanas and the US the major export partner of the Chinese. Indeed, Beijing esforça-se por demonstrar o seu “peaceful rise” e que é uma potência responsável e estabilizadora, while Washington is encouraging China to become a “responsible stakeholder” as it becomes a major global player. Without always pursuing the same policies, a realidade é que the US and China vêm cooperando e articulando posições nas mais diversas áreas, including a estabilização do Iraq e do Afghanistan (através das UN); preventing the proliferation of WMD, namely a desnuclearização da North Korea but also a resolução do programa nuclear do Iran; United Nations’ reform; a pacificação e estabilização de regiões such as Korea, Central Asia and South Asia; a luta anti-terrorista e o combate à criminalidade organizada; building energy security; reducing the risks of pandemic disease and environmental degradation; apoiando o multilateralismo e a cooperação regional e pan-regional; etc. Entretanto, the US (and Japan) auxiliaram a China a concretizar o desejo de entrar na WTO (2001) e a China até participa numa das “coalitions of the will” montadas pela Administração Bush, a *Container Security Initiative*. Mesmo num assunto tão sensível como Taiwan, Washington and Beijing vêm articulando posições para evitar uma escalada no Estreito, inclusivamente com os americanos a darem sinais claros de que consideram a pressão independentista do Presidente taiwanês Chen Chui-Bian perigosa e provocadora, aconselhando Taipei a não prosseguir nesse aveitueirismo e a não pôr em causa o *status quo*, o que tem agradado a Beijing.

China and Japan are historic rivals e mantêm desconfianças mútuas sobre as respectivas ambições estratégicas, persistindo divergências e disputas entre as duas potências em torno de uma série de aspectos que alimentam uma certa competição e contenção mútua: a concorrência por mercados e por recursos energéticos, vitais para as duas economias, com o Japão mais apreensivo pelo potencial controle chinês de importantes rotas de navegação (nomeadamente nos mares da China) e da crescente influência chinesa na Central Asia; competição por maior influência na Coreia, no Sudeste Asiático e na South Asia; perspectivas diferentes sobre a situação de Taiwan²⁰; a disputa sobre as ilhas Senkaku/Diaoyutai; a interpretação da História, com Pequim em permanente culpabilização do Japão por não reconhecer plenamente os

²⁰ Colónia japonesa de 1895 a 1945, Taiwan é um assunto menos problemático nas relações sino-nipónicas do que no relacionamento sino-americano, embora Pequim nunca tenha deixado de protestar contra o cultivo de relações de Tóquio com Taipei e de acusar o Japão de se intrometer num “assunto chinês”. Pequim receia um eventual apoio nipónico a Taiwan e aos EUA no caso de confronto militar, enquanto Tóquio teme uma escalada agressiva chinesa sobre Taiwan, o que destabilizaria a região.

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

seus erros e atrocidades e, por vezes, instrumentalizando os sentimentos anti-nipónicos na região; visões muito distintas sobre a presença e o papel dos US na região; modelos políticos e sociais diferenciados; and oposição chinesa à possibilidade do Japão se tornar membro-permanente do UN Security Council. Ou seja, ambas se receiam mutuamente e competem em termos de balança de poder e de estatuto político regional e internacional.

At the same time, however, as relações bilaterais China-Japan têm melhorado significativamente nos últimos anos, sendo visível uma crescente articulação mútua desde a estabilização da Korean Península à cooperação nos novos domínios da segurança, passando pela cooperação nas instituições e processos multilaterais regionais (APEC, ASEM, ARF, 6-Party talks, ASEAN+3, EAS, and China-Japan-ROK Leaders' Meetings) ou ao desenvolvimento dos laços económicos e comerciais: em 2007, pela primeira vez desde a Guerra do Pacífico, o comércio da China com o Japão ultrapassou o comércio dos EUA com o Japão. Na realidade, the Japanese and Chinese governments are using today a variety of frameworks para incrementar as relações e a confiança mútua²¹. When Chinese President Jiang Zemin visited Japan in 1998, both sides declared the establishment of *Partnership of Friendship and Cooperation for Peace and Development*. During Japanese Prime Minister Abe's visit to China in October 2006, was announced the building of a China-Japan «*mutually beneficial relationship based on common strategic interests*». In fact, numa altura em que se celebra o 30º aniversário da assinatura do Treaty of Peace and Friendship between Japan and China de 1978, as relações mútuas parecem estar melhor do que nunca: durante a sua visita oficial à China no final de Dezembro de 2007, Japanese Prime Minister Yasuo Fukuda underlined «*the three pillars that form the core of this relationship, namely the pillars of "mutually-beneficial cooperation", "contributions to international society", and "mutual understanding and mutual trust"*» (Fukuda, 2007).

As relações the US-China-Japan são, obviamente, cruciais for security and geopolitics in East Asia. No meio deste jogo de containment e engagement, a situação parece estar satisfatoriamente equilibrada: «*when US-Chinese ties are strained, Beijing sees US-Japanese cooperation as an effort to contain China, but when the US-Chinese relations are good, Beijing tends to view the US-Japanese alliance as a check on Japan's regional ambitions (...) Historically, Asian states have become concerned*

²¹ Such as Japan-China Consultations concerning the East China Sea and Other Matters, High-Level Economic Dialogue, Joint Committee on Environmental Protection and Cooperation, the Japan-China 21st Century Friendship Program (mainly consisting of high school students, launched in 2006) or the *Japan-China Exchange Year of Culture and Sports 2007*, among many other bilateral channels.

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

whenever the US has grown close to Japan in order to contain China or close to China at the expense of traditional US allies and smaller regional powers. The situation today – a cooperative US-Chinese relationship, a strong US-Japanese alliance, and good relations between Japan and China – is a viable equilibrium» (Cha, 2007: 102-103).

Este padrão comportamental is the core feature of what we can call “*congalement*”, a major trace of the regional geopolitical system where most of East Asian actors are practicing simultaneously policies of “containment” and “engagement” among them. De facto, o “congalement” é visível em praticamente todas as relações, muito para lá do triângulo US-China-Japan.

Por exemplo, a Rússia e o Japão são rivais históricos que disputam as South Kurilles/Northern Territories, não tendo ainda hoje as suas relações normalizadas e estando em “eixos”, digamos, opostos - o Japão é um vital aliado dos EUA, enquanto a Rússia é um parceiro estratégico da China. Mas as relações bilaterais progridem, com negociações visando o estabelecimento de um Tratado de Paz e com o comércio bilateral a aumentar (embora relativamente reduzido dado o potencial das duas economias). Japan tem vários programas de assistência ao processo de democratização e transição para a economia de mercado da Russia, bem como humanitarian and techical assistance, elimination of nuclear weapons, nuclear power plant safety and energy security. There are also uma série de acordos bilaterais visando revitalize economic exchange between Japan and Russian Far East region. Além disso, tanto ao nível bilateral como multilateral (6-Party talks, ARF, APEC or the UN) Moscow and Tokyo vêm cooperando sobre certos problemas comuns, desde a não proliferação nuclear e estabilização da Korea à luta anti-terrorista e protecção ambiental.

O mesmo acontece na relação the US-Russia: ambos competem por maior influência política, nomeadamente, na Eurásia (Tomé, 2007), implementando mesmo estratégias de confronto e containment mútuo na Eastern Europe, South Caucasus, Midle East, Central Asia, South Asia, and Northeast Asia. The US and Russia divergem também sobre muitos aspectos: alargamento e expansão da NATO; Kosovo’s independence; “conflitos congelados” (Transnistria na Moldova, South Ossetia and Abkhazie na Geórgia; Nagarno-Karabach no Azerbaijan e entre o Azerbaijan and Arménia); situação política na Ukraine, Belarus or Uzbekistan; Russian “soverein democracy” e respeito pelos human rights; nível de ameaça e propósitos do programa nuclear iraniano, bem como relacionamento oposto da Rússia e dos US com o Iran; intervenção americana no Iraq; relacionamentos distintos com o Hamas, o Hezbolah,

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

Síria, Saudi Arabia, Israel and Palestinian Authority; sistema de defesa anti-míssil balístico americano; rotas de exploração de petróleo and natural gás; entrada da Rússia na WTO; etc.. Porém, ao mesmo tempo que competem, the US and Russia também cooperam: no combate ao terrorismo jihadista islâmico e à WMD proliferation (incluindo sobre o programa nuclear iraniano – juntamente with the UN, IAEA and the EU - e norte-coreano, aqui com ambos a integrarem as 6-Party talks), United Nations’ reform, o processo de paz no Middle East (ambos incluem o “Quartet”, juntamente com the EU and the UN) ou a estabilização do Iraq and Afghanistan (não tanto como a Rússia gostaria) e de todas as regiões onde competem - Eastern Europe, Caucasus, Middle East, Central Asia, South Asia -, as well Korean Peninsula.

China and India são velhos rivais asiáticos, mantendo disputas territoriais (Aksai Chin and Arunachal Pradesh) e acompanhado com alguma apreensão a emergência uma da outra, tanto mais que a influência da China é cada vez maior no South Asia e a da Índia cada vez mais notória na East Asia. Acresce que China é aliada do Paquistão, o principal adversário da Índia; e a Índia está actualmente muito mais próxima dos US ou do Japan do que no passado. Até certo ponto, portanto, China e India competem por maior influência em toda a Ásia, desconfiando das ambições estratégicas mútuas. Porém, China and India têm uma parceria estratégica desde 2003 visando a promoção do “Século Asiático”, tendo-se registado um aumento exponencial do comércio bilateral que multiplicou cinco vezes entre 2002 e 2006 e prevendo-se que ultrapasse os USD 40 billion before 2010. Entretanto, as duas grandes potências asiáticas começaram a realizar exercícios militares conjuntos e ambas participam nas trilateral ministerial meetings com a Russia, articulando posições em prol da “multipolaridade” e na contenção da hegemonia americana. Paralelamente, a cooperação China-India estende-se a outras áreas, incluindo a luta antiterrorista, a estabilização da South Asia ou a resposta a desastres. O bom relacionamento sino-indiano actual leva a Índia (desde sempre apoiante da causa tibetana e onde residem mais de 100,000 tibetanos exilados, incluindo o próprio Dalai Lama) a “reconhecer” o Tibet como parte da China e a China a apoiar a entrada da Índia como permanent member of the UNSC. A Índia apoiou a entrada da China na WTO e tem estatuto de observador na SCO, liderada pela China; por seu lado, a China apoia a entrada da Índia na APEC, como apoiou antes a participação indiana na ASEM, além de motivar a adesão indiana à SCO; e entre outros fóruns pan-regionais, ambas cooperam no ARF ou na EAS.

The US and Índia têm um historial de relacionamento relativamente distante, a que acresce o facto das parcerias estratégicas da Índia com a Rússia, a China e o Irão sugerirem a participação indiana num eixo asiático anti-US, tanto mais que os US são

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

aliados do Pakistan (embora nunca tenham apoiado Islamabad contra New Dehli, mantendo-se sempre neutrais nos confrontos Índia-Pakistan). Porém, the US and Índia são hoje verdadeiros parceiros estratégicos, cooperando em muitas áreas desde o combate ao terrorismo and WMD counter-proliferation à estabilização da South Asia, passando pela resposta a catástrofes. Esse bom relacionamento é evidente no sensível domínio nuclear: for example, in 2005, both countries announced the launch of the *Civil Nuclear Cooperation Initiative* and, in March 2006, Manmohan Singh e George W. Bush assinaram um acordo de cooperação nuclear à margem do NPT. Entretanto, the American and Indian realizaram mais de cinquenta exercícios militares conjuntos entre 2003 e 2007 and, in May 2007, a Índia passou a integrar a “Iniciativa Quadrilateral” juntamente with the US, Japan and Austrália - o que sugere existir também uma cooperação estratégica americano-indiana para controlar a emergência da China.

A ASEAN procura limitar a influência da China no Sudeste Asiático e teme a ressurgência chinesa, disputando a China e a ASEAN o controlo do South China sea, a que acrescem outros aspectos potencialmente perturbadores das relações mútuas: a China está cada vez mais interessada e dependente dos Straits of Malacca por onde transitam over 80% of Chinese crude oil imports, local, por isso, considerado vital para a segurança nacional chinesa; China and ASEAN countries disputam a atracção de investimentos estrangeiros e de mercados externos; alguns países ASEAN são rivais históricos da China, namely Vietnam, Singapore or Indonesia; outros mantêm disputas territoriais e fronteiriças com a China (namely, sobre Paracel and Spratleys Islands in South China sea); e vários ASEAN members continuam a ser aliados ou parceiros estratégicos dos US. No entanto, a China e a ASEAN vêm cooperando em praticamente todos os domínios, desde o comércio ao processo de paz no Camboja ou à resolução da crise político-social no Myanmar. Na realidade, a China faz dos Southeast Asian Countries alvos prioritários da sua política de charme destinada a apresentar a China como “benign power” e um “friendly elephant”, enquanto a ASEAN prossegue uma política de envolvimento e atracção da China. Assim, since China was accorded full ASEAN’s Dialogue Partner status in 1996 and, particularly, since the adoption of the *ASEAN-China Joint Declaration on Strategic Partnership for Peace and Prosperity* in 2003, China has entered into a number of agreements with ASEAN in the area of political and security cooperation, including the *Joint Declaration on Cooperation in the Field of Non-traditional Security Issues* and the *Declaration on the Conduct (DOC) of Parties in the South China Sea* (2002), and the *Memorandum of Understanding Cooperation in the Field of Non-traditional Security Issues* (2004).

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

China was also the first Dialogue Partner to accede to the *Treaty of Amity and Cooperation in Southeast Asia* (2003) and has expressed its willingness for its early accession to the Protocol to the Treaty on Southeast Asia Nuclear Weapons-Free Zone. Além deste channel ASEAN+1, a China participa ainda nos processos ASEAN+3, ARF ou EAS, cooperando ainda a China and most ASEAN countries na APEC e na ASEM.

Por outro lado, the engagement and cooperation side entre grandes potências está a reflectir-se positivamente noutros relacionamentos bilaterais historicamente tensos. Por exemplo, a Península Coreana continua dividida e Pyongyang e Seoul mantêm muitas desconfianças e reservas mútuas, competindo por estatuto e reconhecimento internacional. Contudo, aproveitando o bom relacionamento US-China e o quadro das 6-Party talks, o relacionamento inter-coreano tem progredido bem e é cada vez mais cooperativo²². In the October 2-4, 2007 inter-Korean historic Summit, in Pyongyang, ROK's President Roh Moo-hyun and DPKR's leader Kim Jong-il signed the *Declaration on the Advancement of North-South Korean Relations* comprometendo-se a envidar esforços in a mutually reinforcing manner for a permanent peace regime and eventual reunification on the Korean Peninsula, moving inter-Korean relations to a higher stage that was based on the Joint Declaration of June 2000 and the spirit of “by our nation itself”.

Em relação à questão de Taiwan, Beijing and Taipei parecem estar cada vez mais insatisfeitos com o *status quo*, sobretudo, desde a eleição de Chen Chui-Bian para Presidente de Taiwan, em 2000 (about the situation in Taiwan Strait see also Jorge Silva's essay in this book). As persistentes manobras pró-independentistas de Chen (incluindo uma vigorosa campanha diplomática para tornar Taiwan membro das United Nations e a marcação de um referendo para Março de 2008 asking whether its government should bid to join the UN under the name of “Taiwan” instead of “Republic of China”) têm levado a Mainland China, repetidamente, a ameaçar usar a força, como fez na sua *Anti-Secession Law* aprovada em 2005. Entretanto, China has deployed ballistic missiles along the Taiwan Strait and continues to modernize both its missile forces and its amphibious assault capabilities, enquanto Taiwan continua a adquirir armamentos (principalmente aos EUA) com vista a ter uma sufficient self-defense capability no caso de conflito com a China: between 1998 and 2005, USD 13.9 billion of arms were sold to Taiwan (U.S. sales accounted for more than USD 10 billion). Mas apesar desta permanente tensão diplomático-militar, Taiwan's defense budget dropped 25 percent between 2001 and 2006 e os intercâmbios económicos e comerciais vêm

²² See on this Nuno Magalhães' essay in this book.

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

umentando significativamente: o comércio bilateral China-Taiwan passou de USD 8 billion in 1991 to USD 115 billion in 2006; os investimentos taiwaneses na Mainland China representam mais de metade of total Taiwan’s overseas investment, estando Taiwan no top ten of foreign direct investors in China; e a China tornou-se no Taiwan’s top export partner and its second-largest import partner. Por outro lado, Mainland China and Taiwan (enquanto “Chinese Taipei”) integram e participam conjuntamente vários organismos internacionais, incluindo a APEC (since 1991) and WTO (since 2001). Além dos contactos “oficiosos” regulares entre as duas partes do Estreito, é extraordinariamente significativo o diálogo directo nos últimos anos between Beijing and Taiwan’s opposition KMT/Nationalist Party (the founding-father party of “modern Taiwan” in 1949 e outrora o maior inimigo dos comunistas chineses), founding common cause in their opposition ao Presidente Chen Chui-Bian. Este aspecto é ainda mais importante tendo em conta que o Nationalist Party won a landslide victory in legislative elections in January 2008 against the ruling Democratic Progressive Party (DPP) of President Chen’s, that resigned as chairman of the DPP immediately after the defeat. Ou seja, a política de closer engagement with China ganhou forte impulso em Taiwan, o que é de realçar a dois meses das eleições presidenciais e do referendo independentista em Taiwan.

Finalmente, esta lógica de competição e envolvimento ultrapassa os relacionamentos bilaterais. Por exemplo, o eixo Rússia-China compete com o eixo US-Japan, procurando ambos atrair a Índia para os respectivos “campos”. Mas a rede de relacionamentos é bastante mais complexa e com muitos elementos cooperativos: US, China, Rússia and Japan cooperam nas 6-Party talks e na estabilização da Korea; China, Japan and Índia participam e cooperam na EAS; US, China and India vêm articulando posições para estabilizar a South Asia, incluindo o Nepal, Bangladesh e o Pakistan; US, China and Russia articulam políticas para estabilizar, concretamente, a Central Asia; e todas aquelas potências são Dialogue Partners da ASEAN e participantes no ARF, cooperando nas mais diversas áreas, do comércio à luta anti-terrorista ou nuclear conter-proliferation, passando pela segurança energética, o combate à pobreza e ao sub-desenvolvimento, a melhoria do Ambiente ou resposta a desastres.

“Hedging”

At the same time, all East asian actores are exercising the so called “hedging” strategy. Robert Sutter é talvez quem melhor explica e sintetiza o significado de hedging: «using

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

more diversified diplomacy, military preparations and other means to insure that their particular security interests will be safeguarded, especially in case the regional situation should change for the worse» (2003: 199); «Hedging in this regard involves pursuing various paths to secure a nation's interests in an uncertain environment. Thus, while pursuing détente with a former adversary, a nation may continue to pursue military modernization and improved relations with the adversary's neighbors as a means to keep the adversary in check should the détente fail. It also means that a country's ostensible foreign policy approach may have varied and sometimes hidden objectives, allowing the country to benefit under varied circumstances in a fluid regional context» (2005a: 273). Ou seja, os East Asian countries não colocam todos os “ovos no mesmo saco”, jogando em todas as direcções e dimensões possíveis. Uma parte dessa hedging strategy é consubstanciada no jogo de control, containment, and engagement entre potências que vimos anteriormente, bem como no balanceamento entre os relacionamentos bilaterais e o multilateralismo. Mas há outros exemplos ilustrativos do exercício do hedging na região.

A Mongólia (the seventh largest country in Asia for its territory, which covers an area of 1,564.100 sq. km, larger than the overall combined territory of the UK, France, Germany and Italy, but with a population of only 2.5 million), land-locked between Russian Siberia and Northern China, aproximou-se dos US visando o seu “desencravamento” geopolítico: since the establishment of diplomatic relations between the two countries in 1987, and particularly after the “democratic revolution” in 1990, the bilateral relationship has been dynamically developing. The US actively supporting Mongolian democracy and reforms: the US Agency for International Development is providing assistance to Mongolia totaled about USD 150 million, all in grant form during 1991-2005; between 1993 and 2005, Washington has provided food aid to Mongolia under the Food for Progress programs; Mongolia was granted permanent normal trade relations (NTR) status and generalized system of preferences (GSP) eligibility in June 1999; the *Trade and Investment Framework Agreement* has been signed between the two countries in July 2004 to promote economic reform and more foreign investment. The US has also supported defense reform and an increased capacity by Mongolia's armed forces to participate in international peacekeeping operations. Por isso, Mongolia tem-se revelado um parceiro estratégico interessante para os US, contribuindo com more than 1000 troops in 8 rotations to coalition operations in Iraq and Afghanistan since 2003 - em reconhecimento, President Bush visited Mongolia in November 2005. Similarmente, Mongolia and the U.S. jointly hosted “Khan Quest 06,” the Asian region's premier peace-keeping exercise in 2006. Porém,

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

paralelamente, Mongólia tem incrementado as suas relações bilaterais com a China (seu 1º parceiro comercial, representando quase metade do total do comércio mongol) e com a Rússia (2º parceiro comercial), tal como com o Japão (seu 3º parceiro comercial). Além disso, a Mongólia tem estatuto de observador e é candidata à adesão na SCO, precisamente liderada pela China e pela Rússia.

Por seu lado, Seoul teme a ressurgência da China e o seu comportamento futuro em relação à Korean Península. Porém, como referido anteriormente, South Korea vem melhorando significativamente relações com a China. Por exemplo, desde 2004 que a China ultrapassou os US como maior parceiro comercial da South Korea: in 1991, one year before the normalization of China-South Korea diplomatic relations, China accounted for just over 1% of South Korea's exports; by 2006, China accounted for almost 22%. Paralelamente, além do bom relacionamento bilateral com Beijing, Seoul vem participando nas China-Japan-ROK Leaders' Meetings, no processo ASEAN+3 e nas EAS, onde está também a China mas não os US. A isto acresce a melhoria do relacionamento com a North Korea, bem como o desenvolvimento das suas relações bilaterais com a Russian Federation, o Japan ou a ASEAN. Mas apesar da melhoria da suas relações externas e de um contexto externo mais pacífico, Seoul projecta aumentar muito o seu orçamento de defesa na próxima década, na ordem dos 10% ao ano. Por outro lado, além de estar mais próxima da China, South Korea vem-se tornando também mais autónoma em relação aos US, como vimos antes, quer económica quer militarmente. No entanto, in June 2007, Seoul and Washington signed a far-reaching free-trade agreement (FTA), being the largest bilateral FTA ever signed by the US with a total trade valued annually at over 78 billion USD (Cha, 2007: 104). Além disso, a aliança com os US não só permanece sólida como se vem expandindo: por exemplo, South Korea has provided the third-largest contingent of troops in Iraq; in Afghanistan Seoul tem contribuído com financial and logistical support for the NATO-led ISAF and its Provincial Reconstruction Teams (PRTs); and South Korea is now a NATO's “Contact Country”. A realidade é que Seoul sabe que, apesar da relativa tranquilidade actual e do bom relacionamento com a Coreia do Norte, a China, a Rússia e o Japão, a Coreia do Sul perderá estatuto e poderá ser tratada de maneira diferente pelos seus poderosos vizinhos sem o patrocínio americano.

De igual modo, apesar de temerem a China, os países ASEAN vêm procurando atrair e desenvolver as suas relações com a China, por exemplo, através dos mecanismos ASEAN+1, ASEAN+3, ARF, APEC ou EAS. Ao mesmo tempo, a generalidade dos países ASEAN apoia uma forte presença estratégica americana na região. In this East Asian sub-region, the US signed a strategic framework agreement security cooperation

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

with Singapore in 2004; reforçou os laços políticos e militares com a Indonésia na sequência da ajuda pós-tsunami; aprofundou a US-ASEAN enhanced partnership to address uma grande variedade de assuntos desde a luta anti-terrorismo or drug trafficking to free commerce and good governance; have declared Thailand and the Philippines major non-NATO allies; and sustains high-level military cooperation and continues to provide military training and equipments to several Southeast Asian countries. Entretanto, ao mesmo tempo que procura balancear as suas relações com a China e com os US, a ASEAN continua a desenvolver as suas relações “bilaterais” com todos os seus outros Dialogue Partners (Australia, Canada, the EU, India, Japan, South Korea, New Zealand, Russia, and the UN), bem como com outros grupos inter-governamentais regionais. Por outro lado, enquanto procuram limitar as influências externas de potências como a China ou os US e aumentar a sua própria margem de manobra política, os países ASEAN procuram igualmente atrair Washington e Pequim para a “ASEAN vision” e também efectivar a ideia de East Asia Community. Paralelamente, apesar de um ambiente relativamente desanuviado e estabilizado, os ASEAN countries aumentam as suas despesas e capacidades militares.

Até o pequeno e recente Estado de Timor-Leste pratica a hedging strategy. Se, por um lado, procura vincar a sua independência face aos dois poderosos vizinhos Indonésia e Austrália, por outro, aceita a presença de um importante contingente militar australiano no seu território e candidatou-se à adesão na ASEAN, liderada pela Indonésia. Paralelamente, Timor Leste mantém-se sob a alçada e vigilância das UN e reforça os laços com Portugal (antiga potência colonial até à invasão indonésia de 1975 e principal apoiante da independência timorense, em 1999-2002) e com os restantes parceiros of the Community of Portuguese Language Countries (CPLP).

A Índia constitui outro caso paradigmático de prossecução de uma hedging strategy. Como mencionado antes, a Índia integra a «*Iniciativa Quadrilateral*» (QI), juntamente com os US, Japan and Australia e nesse quadro, em September 2007, forças navais indianas juntaram-se às forças americanas, japonesas e australianas num exercício conjunto na baía de Bengala. Quase em simultâneo, o Ministro dos Negócios Estrangeiros Indiano, Pranab Mukherjee, participava na terceira cimeira ministerial Rússia-China-Índia (October 2007), reivindicando mais “multipolaridade global”. Paralelamente, os militares indianos davam formação a militares iranianos e New Dehli fechava novos contratos de compra de energia ao Irão, ao abrigo da parceria estratégica Índia-Iran. E tudo isto ao mesmo tempo que a Índia se afirma líder do “Global South” nas round negotiations of Doha.

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

Finalmente, um bom indicador da complexidade da ordem regional e do exercício da hedging strategy na East Asia é o facto de, num ambiente mais desanuviado e com muito mais cooperação regional, multilateralismo e interdependência económica os orçamentos e as capacidades militares dos East Asian countries continuarem a aumentar (see Table 2).

Conclusion

Three main words, todas inter-ligadas, ajudam a definir a segurança e a geopolítica na East Asia today:

- *Expansão*: expansão das preocupações de segurança, associando “new” security issues and dangers às ameaças e dilemas “tradicionais” de segurança; expansão das fronteiras da segurança regional, estando a Northeast Asia e a Southeast Asia cada mais conectadas entre si e a East Asia no seu conjunto cada vez mais ligada a regiões vizinhas como Central and South Asia e também ao sistema global; expansão das interações e interdependências bilaterais e também do multilateralismo e do regionalismo; expansão ainda da influência da China, do papel estratégico do Japão e da importância geopolítica de outros actores regionais (Russia, ROK, Mongolia, and ASEAN) e “extra-regionais” (US, Índia ou Austrália); e expansão do impacto da East Asia na política internacional.
- *Pragmatismo*: pragmatismo na forma como os East Asian actors desenvolvem as suas relações bilaterais e promovem o multilateralismo; pragmatismo no tipo de cooperação multilateral regional, mantendo a decisão por consenso, a salvaguarda absoluta do princípio da não-ingerência, preferindo as abordagens informais e flexíveis que não implicam grandes cedências de competências nacionais nem compromissos muito rígidos; pragmatismo nos instrumentos de promoção do desenvolvimento económico e da estabilidade e segurança, originando uma muito densa e complexa rede de relações e instituições com variados níveis, distintas composições e de natureza e propósitos diversos; pragmatismo na forma como os East Asian actors encaram, promovem e articulam os seus interesses, cooperando onde e quando isso for possível e deixando em suspenso as questões e divergências mais profundas; pragmatismo ainda dos actores regionais no exercício simultâneo de containment e engagement mútuo, bem como na prática da “hedging” strategy.

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

- *Controlo*: controlo das aspirações e ambições próprias nacionais, sem atentar demasiado contra os interesses uns dos outros mas também sem abdicar das suas posições vitais; controlo das políticas, estratégias e capacidades dos adversários e parceiros; e também controlo da situação regional. Mais do que apenas containment, apenas engagement e mais até do que o misto “conengagement”, o que sobressai é uma política regional de controlos mútuos, tentando os actores garantir que a situação evolui favoravelmente e que as suas posições estão minimamente salvaguardadas se, porventura, a situação se deteriorar.

Como todas as potências e actores regionais atribuem elevada prioridade à estabilidade e ao desenvolvimento económico e, assim, sentem a necessidade of a peaceful environment, isso constitui um incentivo para procurarem as acomodações possíveis na estrutura de poder e para articularem os seus interesses divergentes. De igual modo, o facto de todos se confrontarem com perigos e problemas de segurança comuns constitui motivação suplementar para procurarem respostas e soluções igualmente comuns. Por isso, os actores e potências operando na East Asia têm-se preocupado em desenvolver confidence building measures e reforçar os laços políticos e económicos mútuos, numa abordagem concertada visando estabilizar a ordem regional. At the same time, however, there are resurgent powers with uncertain future behaviour; os tradicionais e novos problemas de segurança acumulam-se; divergences of interest exist among great powers; os orçamentos e capacidades militares continuam a aumentar; e os equilíbrios da balança de poder, a hierarquia entre as potências e o papel/estatuto dos actores não só não estão consolidados como estão a sofrer enormes pressões e profundas alterações – o que produz grande incerteza e insegurança sobre a ordem futura na East Asia. O resultado de tudo isto é um ambiente relativamente pacífico, desanuviado e tranquilo, certamente mais do que em épocas anteriores, mas também uma situação extremamente volátil, flexível e imprevisível.

Por outro lado, in East Asia today não há um sistema de segurança definido mas sim um complexo de sistemas de segurança, coexistindo aspectos de *competitive security* (baseada na self-help security e com eixos competitivos, where actors fearing each other and formulate their security in distributional terms), *cooperative security* (na medida em que, genericamente, não existe a percepção de uma ameaça imediata proveniente de potências adversárias e os actores cooperam entre si para resolverem problemas comuns de segurança) e de *common security* (no pressuposto de que a

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

segurança de uns depende da segurança dos outros, mesmo que receando-se mutuamente). Poderemos ainda dizer que aparenta estar a emergir, na East Asia, paralelamente, uma *security community* (baseada no cultural-institutional context, onde a sobrevivência política está mais garantida pelos demais parceiros e o uso da força se torna cada vez mais ilegítima como instrumento da política entre os seus membros), o que é particularmente evidente in Southeast Asia.

No fundo, in East Asia today há mais containment e controlo mútuos, mas também mais engagement e cooperação. Existe mais multilateralismo, mas sem atenuar o peso do bilateralismo. Há mais problemas de segurança, mas tb mais instrumentos e “almofadas” para os resolver. E há mais anarquia - no sentido de uma arena onde todos jogam com todos e contra todos, numa situação muito dinâmica e em constante mutação -, mas também há mais ordem, na medida em existem mais regimes, instituições, convenções, tratados, acordos e declarações conjuntas. Por tudo isto, East Asia é, efectivamente, uma região com duas faces.

References

Abramowitz, Morton and Bosworth, Stephen (2006), *Chasing the Sun. Rethinking East Asian Policy*. New York: The Century Foundation Press.

Acharya, Amitav (2003-04), “Will Asia’s Past be Its Future?” in *International Security* 28, nº 3: 149-164.

_____ (2001), *Constructing a Security Community in Southeast Asia : ASEAN and the Problem of Regional Order*. London, New York: Routledge.

Alagappa, Muthiah (Ed.) (2003), *Asian Security Order: Instrumental and Normative Contractual Features*. Stanford, California: Stanford University Press.

_____ (Ed.) (2001a), *Coercion and Governance: the Declining Political Role of the Military in Asia*. Stanford, California: Stanford University Press.

_____ (Ed.) (1998), *Asian Security Practice. Material and Ideational Influences*. Stanford, California-USA: Stanford University Press.

ARF Webpage – About Us, Url: www.aseanregionalforum.org/AboutUs/tabid/57/Default.aspx (consulta em January 4, 2008).

Aso, Taro (2006), “*Arc of Freedom and Prosperity: Japan's Expanding Diplomatic Horizons*”, Speech by Mr. Taro Aso, Minister for Foreign Affairs on the Occasion of the Japan Institute of International Affairs Seminar. November 30, 2006, in url: www.mofa.go.jp/announce/fm/aso/speech0611.html (consulted in January 3, 2008).

Baylis, John, Wirtz, James, Gray, Colin S. e Cohen, Eliot (2007), *Strategy in the Contemporary World*. - second edition -. Oxford: Oxford University Press.

Beeson, Mark (2007), *Regionalism and Globalization in East Asia. Politics, Security and Economic Development*. USA and UK: Palgrave Macmillan.

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

Calder, Kent E. (2004), “Securing Security through Prosperity: The San Francisco System in Comparative Perspective” in *Pacific Review* 17, nº 1: 135-157.

Carriço, Alexandre (2006), *De Cima da Grande Muralha: Política e Estratégia de Defesa Territorial da República Popular da China, 1949-2010*. Lisboa: Prefácio.

Cha, Victor D. (2007), “Winning Asia. Washington’s Untold Success Story” in *Foreign Affairs*, Vol. 86 Nº 6: 98-113.

Collins, Alan (2003), *Security and Southeast Asia: Domestic , Regional, and Global Issues*. Boulder, Colorado: Lynne Rienner.

Dannreuther, Roland (2007), *International Security: The Contemporary Agenda*. Cambridge, UK: Polity Press.

Dupont, Alan (2001), *East Asia Imperilled: Transnational Challenges to Security*. Cambridge: Cambridge University Press.

European Commission – *Trade Statistics*, url: ec.europa.eu/trade/index_en.htm (consulta em January 10, 2008).

Friedberg, Aaron L. (2000), “Will Europe’s Past Be Asia’s Future?” in *Survival* 42, nº 3:147-159.

_____ (1993-94), “Ripe for Rivalry: Prospect for Peace in Multipolar Asia” in *International Security* 18, nº 3: 5-33.

Fukuda, Yasuo (2007), *Forging the Future Together*. Speech by Prime Minister of Japan at Peking University, Beijing, People's Republic of China December 28, 2007, url: www.mofa.go.jp/region/asia-paci/china/speech0712.html (consulted in January 16, 2008).

Gilpin, Robert (2003), “Sources of American-Japanese Economic Conflict” in Ikenberry, G. John e Mastanduno, Michael (Eds.), *International Relations Theory and the Asia-Pacific*. New York: Columbia University Press: 299-322.

Godement, François (1996), *La Renaissance de L’Asie*. Paris : Éditions Odile Jacob – Opus.

Harris, Stuart e Mack, Andrew (1997), “Security and Economics in East Asia” in Harris, Stuart e Mack, Andrew (Eds.), *Asia-Pacific Security. The Economics-Politics Nexus*. Australia: Allen and Unwin: 1-29.

Howell, David (1995), *Easternization: The Rise of Asian Power and Its Impact on the West and Our own Society*. London: Demos.

Ikenberry, G. John e Mastanduno, Michael (Eds.) (2003), *International Relations Theory and the Asia-Pacific*. New York: Columbia University Press.

Johnston, Alistair Iain (2003), “Socialization in International Institutions: The ASEAN Way and International Relations Theory” in Ikenberry, G. John e Mastanduno, Michael (Eds.), *International Relations Theory and the Asia-Pacific*. New York: Columbia University Press: 107-162.

Katzenstein, Peter J. e Sil, Rudra (2004), “Rethinking Asian Security: A case for Analytical Eclecticism.” in Suh, J.J., Katzenstein, Peter J. e Carlson, Allen (Eds), *Rethinking Security in East Asia. Identity, Power and Efficiency*. Stanford, California: Stanford University Press, Studies in Asian Security: 1-33.

Kirshner, Jonathan (2003), “States, Markets, and Great Power Relations in the Pacific: Some Realist Expectations” in Ikenberry, G. John e Mastanduno, Michael (Eds.), *International Relations Theory and the Asia-Pacific*. New York: Columbia University Press: 273-298.

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). "1. Security and Geopolitics in East Asia Today" in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

Klare, Michael T. (2001), *Resource Wars: The New Landscape of Global Conflict*. New York: Metropolitan Books.

Leroy-Beaulieu, Pierre (2005), *La Rénovation de l'Asie*. Elibron Classics series, Paris: Adamant Media Corporation.

Morada, Noel M. (2004), "ASEAN and the Rise of China: Engaging While Fearing an Emerging Regional Power" in Ryosei, Kokubun e Jisi, Wang (Eds.), *The Rise of China and a Changing East Asian Order*. Tokyo and New York: Japan Center for International Exchange (JCIE): 229-240.

Nye, Joseph S. (2007), *Understanding International Conflicts: An Introduction to Theory and History*. - sixth edition- USA: Longman Classics in Political Science.

Pureza, José Manuel (2003), "Quem salvou Timor Leste? Novas referências para o internacionalismo solidário", in Santos, B. (org.), *Reconhecer para libertar. Os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Pyle, Kenneth B. (2007), *Japan Rising: The Resurgence of Japanese Power And Purpose*. The Century Foundation, New York: PublicAffairs.

Rocher, Sophie Boisseau Du and Godement, François (Dir.) (2006), *Asie Entre Pragmatisme et Attentisme*. Paris: La Documentation Française.

Romana, Heitor Barras (2005), *República Popular da China: A Sede do Poder Estratégico – Mecanismos do Processo de Decisão*. Coimbra: Almedina.

Ryosei, Kokubun e Jisi, Wang (Eds.) (2004), *The Rise of China and a Changing East Asian Order*. Tokyo and New York: Japan Center for International Exchange (JCIE).

Shambaugh, David (Ed.) (2005), *Power Shift. China and Asia's New Dynamics*. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press.

_____ (2004-05), "China Engages Asia: Reshaping the Regional Order" in *International Security* 29, nº 3: 89-94.

Shaplen, Jason T. and Laney, James (2007), "Washington's Eastern Sunset. The Decline of US Power in Northeast Asia" in *Foreign Affairs*, Vol. 86 Nº 6: 82-97.

Simon, Sheldon W. (Ed.) (2001), *The many faces of Asian Security*. The National Bureau of Asian Research, USA: Rowman & Littlefield Publishers, Inc.

Smith, M. L. e Jones, D. M. (1997), "ASEAN, Asian Values and Southeast Asian Security in the New World Order" in *Contemporary Security Policy* 18, nº 3: 126-156.

State Council of the People's Republic of China (2006, December), *China's National Defense 2006*. Available online in the PLA webpage, url: english.peopledaily.com.cn/whitepaper/defense2006/defense2006.html (consulted in January 2, 2008).

Sutter, Robert G. (2006), *China's Rise: Implications for US Leadership in Asia*. East-West Center Washington: Policy Studies 21.

_____ (2005a), *China's Rise in Asia: Promises and Perils*. Lanham, Boulder, New York, Toronto and Oxford: Rowman & Littlefield Publishers.

_____ (2005b), "China's Regional Strategy and Why It May Not Be Good for America" in Shambaugh, David (Ed.), *Power Shift. China and Asia's New Dynamics*. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press: 289-305.

TOMÉ, Luis (Ed.) (2009). “1. Security and Geopolitics in East Asia Today” in Tomé, L., *East Asia Today*. Lisboa: Prefácio, pp. 27-82.

_____ (2003), *The United States and East Asia. Dynamics and Implications*. Lanham, Md: Rowman and Littlefield Publishers, Inc..

_____ (2002), “China’s Recent Approach to Asia: Seeking Long Term Gains” in *NBR Analysis* 13, nº 1. Seattle: National Bureau of Asian Research.

Tellis, Ashley J. (2006), “Overview: Trade, Interdependence, and Security” in Tellis, Ashley J. e Willis, Michael, *Strategic Asia 2006-07*. Seattle and Washington, DC.: The National Bureau of Asian Research (NBR): 3-28.

Tellis, Ashley J. e Willis, Michael (Eds.) (2007), *Strategic Asia 2007-08: Domestic Political Change and Grand Strategy*. Seattle and Washington, DC.: The National Bureau of Asian Research (NBR).

_____ (Eds.) (2006), *Strategic Asia 2006-07: Trade, Interdependence and Security*. Seattle and Washington, DC.: The National Bureau of Asian Research (NBR).

_____ (Eds.) (2005), *Strategic Asia 2005-06: Military Modernization in an Era of Uncertainty*. Seattle: The National Bureau of Asian Research (NBR).

Tomé, Luís (2007), “O Grande Jogo Geopolítico nos Espaços do «Espaço Pós-Soviético»” in *Geopolítica*, Nº 1, Centro Português de Geopolítica: 187-240.

_____ (2006), “Gato Preto, Gato Branco: Geoestratégia da China” in *Política Internacional*, II Série, Nº 30: 13-36.

_____ (2005), “Geopolítica da Ásia e da China” in *JANUS 2006 – Anuário de Relações Exteriores*, Lisboa: Observatório de Relações Exteriores da UAL e jornal *Público*: 40-41.

_____ (2004), *The New World’s Geopolitical Outline*. Lisboa: EdiUAL e Quid Júris.

_____ (2003), “Uma ordem uni-multipolar, uma grande guerra e o jogo de «contenções mútuas e múltiplas»” [*A Uni-Multipolar Order, a Great War and the Game of “Multiple and Mutual Containments”*] in *Nação e Defesa*, Nº 106, National Defense Institute: 77-122.

_____ (2001a), *A Segurança na Ásia Oriental [Security in East Asia]*. – edições em português e chinês - Macao: International Institute of Macao (IIM), colecção Milénio Hoje.

_____ (2001b), *A Segurança e a Estabilidade no Noroeste da Bacia do Pacífico*. Lisboa: EdiUAL.

United Nations Peacekeeping webpage, *Facts and Figures – Troop Contributors*, url: www.un.org/Depts/dpko/dpko/contributors/ (consulted in January 12, 2008).

US Department of Defense (2007), *The Military Power of the People’s Republic of China 2007*. Annual Report to the Congress. Url: www.defenselink.mil/pubs/china.html (consulted in January 14, 2008)

Wirtz, James (2007), “A New Agenda for Security and Strategy?” in Baylis, John et al., *Strategy in the Contemporary World*. Oxford: Oxford University Press: 337-355.

Yahuda, Michael (2004), *The International Politics of the Asia-Pacific. Politics in Asia*. London and New York: RoutledgeCurzon.